



profuncionário

Curso Técnico de Formação para
os Funcionários da Educação

Teorias da comunicação



Foto: Raquel Aviani

TÉCNICO EM
MULTIMEIOS DIDÁTICOS





proffuncionário

Curso Técnico de Formação para
os Funcionários da Educação

Teorias da comunicação

TÉCNICO EM
MULTIMEIOS DIDÁTICOS

Brasília - 2006

Governo Federal

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Secretário Executivo

José Henrique Paim Fernandes

Secretário de Educação Básica

Francisco das Chagas Fernandes

Diretor do Departamento de Articulação e Desenvolvimento dos Sistemas de Ensino

Horácio Francisco dos Reis Filho

Coordenadora Geral do Programa Nacional de Valorização dos Trabalhadores em Educação

Josete Maria Cangussú Ribeiro

Coordenação Técnica do Profucionário

Eva Socorro da Silva e Nádia Mara Silva Leitão

Apoio Técnico

Adriana Cardozo Lopes

Universidade de Brasília – UnB

Reitor

Lauro Morhy

Vice-Reitor

Timothy Martin Muholland

Coordenação Pedagógica do Profucionário

Bernardo Kipnis - CEAD/FE/UnB

Francisco das Chagas Firmino do Nascimento - FE/UnB

João Antônio Cabral de Monlevade - FE/UnB

Maria Abádia da Silva - FE/UnB

Tânia Mara Piccinini Soares - MEC

Centro de Educação a Distância - CEAD/UnB

Diretor – Bernardo Kipnis

Coordenação Executiva – Jandira Wagner Costa

Coordenação Pedagógica – Maria de Fátima Guerra de Souza

Unidade de Produção

Gestão da Unidade – Bruno Silveira Duarte

Designer Educacional – Raphaela Paiva Murrieta

Revisão – Roberta Gomes

Capa e Editoração – Evaldo Gomes e Télyo Nunes

Ilustração – Nestablo Ramos Neto

Foto capa – Raquel Aviani

Unidade de Pedagogia

Gestão da Unidade – Maria Célia Cardoso Lima

Unidade de Apoio Acadêmico e Logístico

Gestão da Unidade – Silvânia Nogueira de Souza

Gestora Operacional – Diva Peres Gomes Portela



*pro*funcionário

Curso Técnico de Formação para
os Funcionários da Educação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.

B557t Bessa, Dante Diniz.

108p. Teorias da comunicação / Dante Diniz Bessa. –Brasília :
Universidade de Brasília, 2006.

(Profucionário - curso técnico de formação para os
funcionários da educação)

ISBN 85-86290-65-3

I.Título II. Série

CDU: 370.71

Mensagem do Secretário de Educação Básica do Ministério da Educação

Prezado(a) funcionário (a) cursista,

Queremos manter o vínculo iniciado nos módulos da Formação Pedagógica do Profucionário, programa que tem usufruído da Educação a Distância e da formação em serviço, para que seja possível a sua profissionalização há tanto tempo esperada e merecida, é claro.

No Profucionário, a educação é vista como um processo permanente, que vai da vida para a escola e da escola para a vida, identificando conhecimentos formalmente estruturados e saberes adquiridos com a prática. Enfatiza o caráter histórico e cultural do conhecimento, possibilitando uma formação articulada com as necessidades sociais e, ao mesmo tempo, promove a auto-realização e o desenvolvimento da educação brasileira.

Nosso objetivo foi e continuará sendo poder unir o estudo ao seu trabalho, o que torna a formação mais significativa e interessante, uma vez que acontece no contexto da vida real e a motivação, com certeza, é maior porque ocorre durante todo o processo educativo.

A partir deste Módulo, trataremos de questões mais específicas da sua rotina de trabalho sem, no entanto, deixar de considerar as informações apreendidas nos Módulos da Formação Pedagógica e Instrucionais, a troca de conhecimentos, a Prática Profissional Supervisionada e acima de tudo, o fortalecimento da identidade profissional após mais de duas décadas de luta por este reconhecimento, que vai para além dessa formação, refletindo de forma efetiva na qualidade dos serviços prestados para a educação brasileira.

O tutor continuará encarregado de fazer o acompanhamento sistemático, proporcionando - lhe apoio na realização das atividades, esclarecendo dúvidas, motivando para o estudo, acompanhando e sempre procurando orientá-lo quanto à melhoria de sua atuação profissional, sobretudo a partir dos objetivos, conteúdos e experiências desenvolvidos em cada módulo.

Reconhecemos sua dedicação e reafirmamos nossa confiança no seu empenho demonstrado até o momento, pois acreditamos que concluir o curso é acima de tudo valorizar uma conquista e se colocar disponível para ir além da formação, transformando seu cotidiano profissional por meio de novos horizontes próprio de um educador.

Compartilhamos com você este aprendizado e acreditamos na sua importância para a educação brasileira!

Francisco das Chagas Fernandes
Secretário de Educação Básica

Apresentação

Este módulo é o primeiro de um bloco de sete módulos que compõem a parte técnica do curso de formação em multimeios didáticos. Nele você vai se encontrar com conhecimentos e atividades que contribuirão para que possa atuar de maneira mais específica na educação escolar, continuando na busca por uma escola como espaço cada vez melhor para ensinar, aprender e trabalhar: educar.

São conhecimentos e atividades para a formação de um profissional capaz de criar, saber usar e dispor para o uso da comunidade escolar os recursos de comunicação e de informação em múltiplos espaços físicos e virtuais (biblioteca, videoteca, sala de vídeo e TV, anfiteatro, auditório, laboratórios, ginásio, computadores, entre outros). Um profissional que pense o tempo todo o sentido e o valor educativo das tecnologias, dos espaços e das linguagens da comunicação (multimeios), para que possa, efetivamente, contribuir nas práticas escolares participando, com professores e alunos, na construção das mais interessantes situações pedagógicas para ensinar e aprender.

Neste módulo, contudo, você ainda não vai aprender como usar as tecnologias. Aqui você vai se aproximar de questões que envolvem aspectos teóricos da comunicação humana, que o ajudarão a se situar em relação aos estudos sobre as condições e possibilidades existentes, ou que ainda vão ser criadas, a fim de intensificar e qualificar a educação escolar com base nas tecnologias da comunicação, que poderão ser experimentadas nos outros módulos que compõem o bloco.

Isso quer dizer que, aqui, você vai investigar, pensar e aprender sobre o significado e o funcionamento da comunicação humana. Vai ver, em linhas gerais, como as mensagens e informações são produzidas, transmitidas e significadas. Vai refletir sobre o valor dos meios de comunicação para as sociedades atuais e para a educação em particular. Seja a educação escolar ou não-escolar.

O módulo está dividido em cinco unidades que focalizam os seguintes assuntos:

Unidade I – Tipos, elementos e conceitos de comunicação humana

Unidade II – Relações entre comunicação, mídia e linguagens

Unidade III – Relações entre comunicação, mídia e história

Unidade IV – Relações entre comunicação, mídia e sociedade

Unidade V – Relações entre comunicação, mídia e educação

Em cada uma das unidades você encontrará uma pequena introdução afim de

identificar com clareza os objetivos propostos. Depois, em cada seção das unidades, você entrará em contato com conceitos que o **desafiarão** a investigar e a pensar sobre situações com base naqueles conceitos. Embora o desafio seja para pensar, recomendo que você escreva sempre o que pensou, para incluir no seu memorial, para conversar com o tutor e com os colegas: para comunicar. Por fim, você encontrará em cada unidade sugestões de atividades complementares à leitura do módulo.

Ah, já ia me esquecendo: antes das unidades escrevi uma pequena introdução contextualizando um problema que me parece central para as atividades profissionais do técnico em multimeios didáticos. Esse problema é a chave para a compreensão do módulo.

Objetivos

Espero que com o estudo e a reflexão sobre os assuntos mencionados, você possa *se situar conceitualmente nas relações entre mídia, educação e escola, para poder criar condições de uso pedagógico dos espaços, das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na escola.*

Para isso, penso que precisará:

1 Aproximar-se de alguns elementos do processo de comunicação (linguagens e mídia) com base no contexto da história e das teorias da comunicação, compreendendo-os.

2 Refletir sobre o valor da comunicação e da informação na educação e na vida social.

3 Construir condições para uma recepção crítica dos produtos da mídia de massa na escola.

Ementa

Comunicação humana. História da comunicação. Comunicação e Linguagem. Elementos de semiótica. Formas e tecnologias de comunicação. Comunicação e educação. Comunicação, ensino e aprendizagem. Mídia e comunicação: imprensa, rádio, cinema, televisão e internet.

Mensagem do Autor



Amiga educadora, amigo educador:

Estou feliz em reencontrá-la e reencontrá-lo para mais um desafio nesse curso, que tem me trazido muitas surpresas agradáveis. Espero que para você também!

Quando nos encontramos pela primeira vez, no Módulo 3 – Homem, pensamento e cultura –, insisti com você na tentativa de assumir uma atitude crítica da qual ninguém deve se afastar quando está disposto a se apropriar de conhecimentos prontos e a construir novos conhecimentos.

Atitude crítica, contudo, se constrói na aprendizagem. Ela mesma é aprendizagem. Não se faz da noite para o dia. Atitude crítica é vivência diária e persistente. É luta, mas não é sacrifício. Não se faz lendo um único ou muitos livros. Atitude crítica não é acúmulo de informações.

Tudo o que se acumula sem cuidado pode trazer algum prejuízo. Assim acontece com o lixo na natureza e com a gordura no corpo, por exemplo. Assim também acontece com as informações na mente.

Muita informação acumulada sem cuidado pode levar a uma situação de “obesidade intelectual”. Acumulando informações que não servem para nada, a mente despende suas forças e energias para carregá-las e acaba não podendo pensar, imaginar, sonhar, criar, significar, etc. Enfim, a mente fica tão cheia de informações que não consegue fazer coisas mais interessantes que carregar o peso delas.

Claro que isso é uma metáfora! Mas uma metáfora que serve bem neste bloco de formação técnica em multimeios didáticos, pois com ele, você estudará a comunicação. Isso tem a ver com produção, armazenamento, transmissão e significação de informações.

Verá, portanto, que as informações são importantes para que a mente possa pensar, calcular, imaginar, sonhar, criar, significar, etc. Mas verá que comunicar não se reduz a transmitir e armazenar informações. Existem espaços e aparelhos criados para isso, que, se bem planejados e usados, facilitam bastante o acesso a elas no momento que alguém

precisar: bibliotecas, videotecas, laboratórios são exemplos de espaços. Livros, revistas, discos, fitas, CDs, computadores são exemplos de materiais e aparelhos.

Portanto, preste atenção! Não deixe a sua mente engordar! Não acumule informações desnecessárias. Retenha apenas as informações que considerar importante para a mente trabalhar na criação, na imaginação, na desconstrução e reconstrução do mundo e da escola. Retenha e problematize-as, questione-as, investigue-as até que possa jogá-las em uma mídia, esquecê-las e recuperá-las só quando precisar novamente.

De minha parte, vou encher o módulo com perguntas e informações, como no módulo anterior. A seleção para o trabalho da mente fica por sua conta, conforme você e a escola precisarem.

Dante Diniz Bessa

Sumário

INTRODUÇÃO 14

UNIDADE 1 – Comunicação humana e interação social 17

UNIDADE 2 – Comunicação, mídia e linguagens 35

UNIDADE 3 – Comunicação, mídia e história 53

UNIDADE 4 – Comunicação, mídia e sociedade 73

UNIDADE 5 – Comunicação, mídia e educação 91

REFERÊNCIAS – 108

Introdução

Você se lembra de que no Módulo 3 – Homem, pensamento e cultura – do bloco pedagógico, houve a oportunidade de refletir sobre os diversos espaços da escola, sobre as relações entre o dentro e o fora da escola e sobre as relações entre educação escolar e educação não-escolar?

Você percebeu naquele módulo que todos os espaços e sujeitos da escola são educativos e educadores e que qualquer experiência vivenciada nesses espaços, com os sujeitos, pode se tornar uma experiência pedagógica; desde que se possa planejá-la: significar, ensinar e aprender alguma coisa com ela.



Caso não lembre, dê uma conferida na Unidade 5 do Módulo 3.



Comunicação mediatizada é aquela que se realiza através de meios e instrumentos tecnológicos, também chamados de mídias. Podemos ainda chamar a comunicação mediatizada de comunicação midiática ou mediada, por exemplo.

Você notou também que as vivências educativas escolares concorrem¹ com outras vivências educativas que acontecem fora da escola e que o que pode diferenciar as primeiras das outras é que na escola, as vivências educativas, devem ser pedagogicamente planejadas enquanto que, em geral, fora da escola elas não o são. Bem, não são planejadas para ensinar conteúdos escolares, mas são para por em pauta muitos assuntos (valores, crenças, conhecimentos, opiniões) e formas de dizer e de pensar esses assuntos que são bem importantes para educação humana. Para devir.

Tendo lembrado o que foi visto no módulo 3, a partir de agora você vai estudar as relações entre o dentro e o fora da escola, considerando um elemento específico: a comunicação **mediatizada**. Estudo importante ao técnico em multimeios didáticos: como funciona a comunicação; a que problemas e situações é preciso ficar atento no uso das tecnologias de informação e comunicação; que efeitos educativos os espaços, os meios e as tecnologias de comunicação produzem e podem produzir fora e dentro da escola.

A comunicação é um elemento fundamental para a vida social e tem sido um dos elementos mais importantes na constituição das sociedades contemporâneas. O devir humano (sociocultural) sempre esteve relacionado com a comunicação. Entretanto, atualmente, com as dimensões que a comunicação tomou a partir da invenção das tecnologias microeletrônicas, essa relação se tornou extremamente intensa.

¹ Que a escola concorre com elementos de fora dela **não** significa necessariamente que sejam adversários e estejam competindo. Ao contrário, significa que não podemos pensar a educação escolar à parte de uma educação mais ampla que envolve e abarca todas as situações educativas que experimentamos. Nesse sentido, a diferenciação que proponho é perceber como a escola e os elementos não-escolares atuam com objetivos e finalidades diferentes, produzindo efeitos diferentes na sociedade e nos indivíduos, que acabam vivenciando com mais ou menos intensidade as experiências escolares em relação a outras experiências educativas possíveis.

Do ponto de vista tecnológico, não há mais distâncias nem tempos que dificultem a comunicação entre os homens, independente do lugar que estejam. Isso porque a comunicação humana, já não acontece mais apenas entre as pessoas. Máquinas, equipamentos, eletricidade, sinais de luz, ondas sonoras, agora também constituem e são imprescindíveis na comunicação.

Ou seja, no movimento do devir humano foram construídos processos de comunicação que produzem e transmitem informações e opiniões sobre pessoas, instituições, produtos, acontecimentos, conhecimentos do mundo inteiro. Tudo é transformado em mensagem, em informação. E isso só é possível através de meios que possibilitam que qualquer pessoa possa saber o que está acontecendo “agora” em qualquer canto do mundo.

A televisão, por exemplo, é um dos meios que constituem esses processos. Imagine quantas informações chegam até você e a milhões de pessoas pela TV! Se não fosse pela televisão, você não saberia algumas coisas. Coisas boas e coisas ruins. Mas, por causa dela, ao mesmo tempo, você não sabe e não pensa sobre muitas coisas, porque a TV já diz o que é bom e o que é ruim para que não seja preciso pensar. Sentado na frente da televisão você assiste a um filme ou a notícia sobre guerra da mesma maneira descansada. Como se não houvesse diferença entre uma coisa e outra.



Assim, este módulo dará ênfase à comunicação social (pública, mediatizada e complexa), para que você possa pensar e ajudar a escola a se relacionar de diferentes maneiras com as tecnologias de comunicação e com o fora da escola. Se conseguir isso, será uma bela contribuição para a educação escolar e para a recepção crítica das mensagens que chegam de fora da escola pelos meios de comunicação social.

Você deve estar se perguntando: por que recepção crítica?

De fato, essa é uma pergunta que não dá para deixar de fazer. Acontece que a recepção crítica é do próprio processo de comunicação, tal como será visto no módulo. Comunicar é uma

relação de interlocução, de interação, de diálogo, de conversa, de negociação, enfim, de crítica.

Sendo a comunicação uma relação crítica, você pode se perguntar: afinal, que diferença faz para a escola ter ou não ter, usar ou não usar mídia e tecnologias de informação e comunicação nos processos pedagógicos? Refletir sobre isso é o primeiro passo no caminho da criação de condições para que, na escola, seja possível educar na comunicação, com a comunicação, pela comunicação, contra a comunicação.

Tarefa fundamental da escola nos dias de hoje, como você verá ao longo do módulo, pois a escola não pode abrir mão e nem ignorar a comunicação que atravessa seus espaços e sujeitos, por dentro e por fora. A comunicação está na escola! A escola está na comunicação!

1

**Tipos, elementos
e conceitos de
comunicação
humana**

O objetivo nesta unidade é construir um conceito de comunicação humana. Como o título da unidade indica, esse conceito tem a ver com interação social. A interação é um modo de relação social e por isso o conceito de comunicação será investigado a partir de diferentes relações que acontecem na sociedade.

Considere que as relações ocorrem entre pessoas. Elas se relacionam umas com as outras tanto em ambientes informais como em ambientes formais. Além de se relacionarem diretamente entre elas, as pessoas também se relacionam com instituições sociais. Em contrapartida, as instituições sociais podem se relacionar com uma, com um grupo ou com multidões de pessoas ao mesmo tempo.

Essas relações entre as pessoas e entre pessoas e instituições não esgotam todas as relações sociais, mas ajudam a ver que há vários elementos e motivos envolvidos nelas, o que permite

pensar em três tipos de comunicação importantíssimos a investigar na construção do conceito de comunicação humana como interação social.



1.1 Comunicação interpessoal

O primeiro tipo a ser investigado é a comunicação interpessoal, que acontece quando pessoas trocam informações entre si. Essa troca pode ser direta e imediata ou pode ser indireta e mediada.

A comunicação direta e imediata acontece quando as pessoas estão cara a cara. Elas se relacionam, principalmente, por meio da fala e da gesticulação.

Exemplo típico de comunicação direta entre as pessoas é quando conversam em algum ambiente informal (em uma festa ou no intervalo do trabalho, por exemplo) em que: contam histórias; relatam acontecimentos; descrevem pessoas; dizem o que leram no jornal; avisam da chegada de alguém, contam piadas.

Já a comunicação indireta e mediada acontece quando as pessoas estão distantes e não podem se enxergar nem escutar uma a outra. Nessa situação, elas precisam usar algum meio que lhes possibilite a troca de informações, transportando a voz ou os gestos que uma faz até a outra. Os meios utilizados podem ser variados (telefone, carta, computador), mas uma vez usado um meio, ele estará mediando (intermediando) a comunicação entre as pessoas.

Um exemplo: você e eu estamos nos comunicando por intermédio deste módulo. Neste caso você não está me vendo nem me ouvindo. Está lendo o que eu escrevi. Está recebendo informações escritas. Supostamente os conteúdos dessas informações são os meus sentimentos, pensamentos e conhecimentos. Essa é uma noção simples de comunicação em que alguém emite mensagem para um outro. Mais adiante ela será problematizada.



Outro exemplo: um parente seu viajou para outra cidade. Você quer dar e receber notícias dele. Como fazer? Você pode escrever uma carta. Você pode fazer uma ligação telefônica. Você pode enviar uma mensagem eletrônica por meio do computador ou do celular. Enfim, você tem diversos meios para se comunicar com seu parente, mesmo estando longe dele.



21

A comunicação interpessoal, portanto, é realizada entre pessoas que precisam informar e serem informadas ou que buscam informações e que, para isso, usam alguma linguagem (fala, gestos, escrita) e algum meio (voz, telefone, corpo, carta, livro) que permitam se relacionar com outras pessoas para trocar informações.



Mas por que as pessoas trocam e não simplesmente transmitem informações umas para as outras?

As pessoas trocam informações para saber se sentem, pensam e sabem o mesmo sobre o mundo e a vida ou se sentem, pensam e sabem coisas diferentes. Enfim, as pessoas trocam informações para iniciar, conservar, intensificar ou transformar os laços sociais com as outras.



Não foi difícil compreender a noção de comunicação interpessoal, não é? Mas, você já pensou como pessoas que falam diferentes idiomas ou pessoas que não falam (mudas) podem se comunicar? Qual seria o elemento comunicativo mais importante para a comunicação com essas pessoas: a linguagem ou o meio? Ou os dois teriam a mesma importância?

1.2 Comunicação institucional

Que diferença faz para a comunicação se as pessoas estiverem em espaços informais ou em espaços sociais formais quando trocam informações?

Aparentemente nenhuma, pois a comunicação continua sendo entre pessoas que usam linguagem e meios para isso, não é mesmo?

Se você estiver pensando essa obviedade, vou problematizar:

Será que nos espaços formais (como a escola) as pessoas usam as linguagens do mesmo modo que usam em ambientes informais? E as informações que trocam são as mesmas pelas quais se interessam num ambiente informal? E os meios que utilizam, será que são os mesmos?

Pois é, penso que não. E não sendo, entendo que o espaço ou ambiente em que a troca de informações acontece envolve outros elementos e motivos.

Quer saber qual é a diferença?

Vou colocar um exemplo para analisarmos juntos.

***Na escola em que você trabalha tem murais, não tem?
Pelo menos um deve ter.***

Para que servem os murais?

Para comunicar, é óbvio. Os murais são meios de comunicação, pelos quais as pessoas se relacionam umas com as outras, mesmo não estando cara a cara. Nos murais de sua escola as mensagens são endereçadas a pessoas específicas? Às vezes sim, se o mural tiver esse objetivo, como muita gente faz na geladeira de casa. Você faz isso? Deixa recados para seus familiares em algum lugar da casa? Eu deixo na geladeira. Minha geladeira é um mural.

Mas, parece que os murais da escola não têm esse objetivo. Pelo menos não todos.

Tudo bem que as informações do mural não são para pessoas específicas, mas elas são colocadas nele por alguma pessoa. Sim, é claro. Mas são informações sobre essas pessoas que fazem o mural que são divulgadas nele? Normalmente não, não é?

Então, o mural é um meio de comunicação usado na / pela escola e não por pessoas individuais para transmitir informações à comunidade escolar e não a pessoas específicas. Veja que, mesmo que sejam pessoas que coloquem informações no mural para que outras pessoas tomem conhecimento delas, as informações não são de pessoas para pessoas. São da escola à comunidade escolar.

As pessoas estão envolvidas pelo processo de troca de informações, mas não são o começo nem o fim dele. O mural não é meio de comunicação das pessoas, mas é um instrumento institucional (da escola).

Você conseguiu perceber a diferença?

Ainda não?



Então pense: no mural da escola dá para fixar qualquer informação, com qualquer linguagem, sobre qualquer assunto?

Não! As informações contidas no mural da escola dizem respeito a assuntos da escola (trabalhos dos alunos, datas festivas, avisos aos pais, entre muitos outros).



Então, as informações a serem fixadas no mural da escola são informações de interesse da instituição escolar, na qual as pessoas assumem certas posições: alunos, professores, diretores, funcionários, pais. São os sujeitos ou atores escolares. A comunicação institucional acontece entre pessoas, porém, quando elas estão em exercício de seus papéis institucionais, formam um público.

O que você descobriu, então, sobre a diferença que proponho entre comunicação interpessoal e comunicação institucional?

Bem, escrevendo a você, descobri que a comunicação interpessoal pode ser imediata ou mediada, enquanto que a comunicação institucional é sempre mediada. Mediada por meios de comunicação (mídias). Sim, porque as instituições não são pessoas e, por isso, não se comunicam como pessoas. No caso da instituição escolar os meios podem ser: mural, carta, agenda escolar, caderno, boletim e mesmo alunos, professores, funcionários e diretores, entre outros. Alunos, professores, funcionários e diretores, na escola, são pessoas a serviço da instituição.

Outra diferença é que a comunicação interpessoal acontece entre pessoas específicas, enquanto que a institucional envolve pessoas que representam cargos e funções, acontece entre a instituição e o público com que ela se relaciona bem como entre instituições (escola e secretaria de educação, por exemplo). Isso é fácil de perceber. Quando

a escola tem informações novas, transmite à comunidade escolar e não a pessoas específicas nem à sociedade inteira, a não ser em casos particulares, que não problematizarei aqui.

Uma terceira diferença é que a comunicação interpessoal é de domínio privado enquanto que a institucional é tanto de domínio privado como de domínio público, conforme a própria instituição. Uma escola particular não precisa tornar públicas as suas informações. Já para uma escola pública as informações são públicas.

E, por fim, a última diferença é que a comunicação interpessoal é informal enquanto que a comunicação institucional é formal. Como você viu no módulo 8 - Produção textual na educação escolar.

I M P O R T A N T E



Embora existam essas diferenças, é bom deixar claro que há uma semelhança fundamental entre os dois tipos de comunicação: ambos são relações sociais que colocam as pessoas em interação no próprio ato da troca de informações.

Com isso, você já percebe que as linguagens e os meios de comunicação são muito importantes na vida social. Seja para as instituições, seja para as pessoas. Os meios e as linguagens que você produz e cuida na escola como técnico em multimídias.

Se você prestar atenção, parece que em todas as escolas os assuntos mais importantes são os mesmos: cidadania, meio ambiente, respeito ao diferente, inclusão social, violência e outros. Isso me leva a crer que os assuntos da escola não são definidos na própria escola. O que você acha disso? Você saberia dizer onde, como e quem define os assuntos importantes para serem comunicados e debatidos na escola?



**Filmes:**

O povo contra Larry Flint, 1996, EUA, Milos Forman – pense sobre comunicação de massa e a ambivalente liberdade de expressão na comunicação.

A era do rádio, 1987, EUA, direção de Wood Allen – pense sobre o valor do rádio antes da chegada da televisão nas casas.

Músicas:

Monólogo ao pé do ouvido, de Chico Science
Banditismo por uma questão de classe, de Chico Science



Ambivalência quer dizer que tem dois valores ao mesmo tempo. A comunicação de massa tem o valor de levar informações para as pessoas se situarem no mundo, mas o faz de maneira a padronizar o pensamento.

1.3 Comunicação de massa

No meu entendimento, a comunicação de massa é diferente da comunicação interpessoal e da comunicação institucional, porque não se dirige a pessoas nem a públicos específicos. Ela não se dirige a ninguém e se dirige a todo mundo ao mesmo tempo.

A comunicação de massa tem de ser feita pelos meios de comunicação a fim de atingir e alcançar as multidões. Portanto, a comunicação de massa é sempre mediada ou mediatizada. Para que qualquer pessoa possa entender as informações transmitidas indistintamente na sociedade, nos meios de comunicação (jornal, rádio e televisão, principalmente) elas têm de ser produzidas e reproduzidas por meio de linguagens simplificadas (vocabulário comum, por exemplo) e múltiplas (visuais, sonoras e escritas).

Usando linguagens simplificadas, os meios de comunicação de massa tratam as pessoas com base em uma média, um modelo, um padrão. Esse padrão faz desaparecer as diferenças e modela a todos. Padroniza a todos.

A idéia de médio (leitor médio, ouvinte médio, telespectador médio) pode ser negativa se você entender que, para estar na média, as pessoas devem ler, ouvir e assistir as mesmas coisas. Elas devem ver e entender os acontecimentos pelo mesmo texto, pela mesma voz, pela mesma imagem.

Essa é uma **ambivalência** da comunicação de massa, pois informa as pessoas sobre o que está acontecendo no mundo, no seu país, na sua cidade, e, ao mesmo tempo, não pode estabelecer relações interativas com as pessoas, embora possa promovê-las entre elas. Quer dizer, os meios de comunicação de massa fazem circular informações que veiculam opiniões embutidas que as pessoas não podem questionar junto a eles, mas podem se questionar entre si.

Contudo, você não precisa pensar sobre isso agora. Na unidade 4 haverá espaço.

Aqui importa entender que a comunicação de massa é diferente da comunicação interpessoal e da comunicação institucional. Ela é sempre mediada, não se faz entre pessoas, nem entre instituições e seus públicos, mas entre meios de comunicação e massa anônima.

Você, que tem atitude crítica deve se perguntar: mas não são pessoas que falam no rádio, que escrevem no jornal e aparecem na televisão?

Sim, você tem razão! São pessoas que fazem isso. Mas são profissionais que sabem como fazer para que as informações sejam entendidas na mídia. Dessa maneira as pessoas escrevem no jornal seguindo um padrão de escrita. Falam no rádio seguindo um padrão radiofônico. Aparecem na televisão seguindo um padrão televisivo. Ou seja, as pessoas profissionais dos meios de comunicação acabam sendo homogeneizadas pelos padrões da comunicação de massa. Elas mesmas não se distinguem da massa.

Os meios de comunicação de massa são chamados assim com base na expressão, em inglês, mass media, que significa meios de massa. Essa expressão tem a ver com a quantidade e o modo como esses meios alcançam e atingem as pessoas para informar: eles tornam informações acessíveis a todos por meio da padronização de linguagens. Eles reproduzem o mesmo texto escrito milhões de vezes, propagam a voz dos locutores por longas distâncias e possibilitam que cada pessoa veja, escute e saiba a opinião de especialistas sobre acontecimentos econômicos, políticos, esportivos, sociais, ambientais, etc.

Você deve pensar: ora, já me dei conta de que as informações só podem ser transmitidas pelas linguagens e meios. Se assim é, para que qualquer um possa entender a mesma informação é óbvio que os meios de massa comunicam em uma linguagem universal.



Comunicação de massa, portanto, é a comunicação social a partir dos meios de comunicação de grande alcance e audiência e que transmitem informações de interesse público usando linguagens e formatos padronizados para as pessoas. É a comunicação que pauta, muitas vezes, quais serão os assuntos a serem debatidos na sociedade, os quais se transformam em assuntos da escola.



Interação:
Comunicação entre pessoas que convivem; diálogo, contato. Conjunto das ações e relações entre os membros de um grupo ou entre grupos de uma comunidade.

Não! Não é exatamente em uma linguagem universal que os meios de massa comunicam, mas em uma linguagem média e simples para pessoas médias. Em uma linguagem que não faz pensar, que não faz duvidar, que não faz perguntar, pois não prevê a troca entre os meios e as pessoas, senão apenas a transmissão de informações dos meios para as pessoas.

Além dos meios de comunicação usarem linguagens específicas e padronizadas, eles não transmitem quaisquer informações. Sendo meios de comunicação social (o jornal, o rádio e a televisão) supostamente só transmitem mensagens de interesse público. Eles não lhe dão notícias sobre o seu parente que viajou, não é? A não ser que ele tenha participado de algum acontecimento que chama a atenção pública: um acidente, uma catástrofe, um prêmio e outros acontecimentos. Mas você vai ficar sabendo por acaso, pois a informação não é dirigida diretamente a você.

Assim, os meios de comunicação, além de definir como transmitir as mensagens, também definem o que vale e o que não vale à pena ser informado à massa de pessoas.

A comunicação de massa está muito presente na vida de todas as pessoas, ela produz muitos efeitos sobre sentimentos, pensamentos e conhecimentos e o faz de um modo ambivalente, como já disse antes: informa e padroniza ao mesmo tempo.

Esses efeitos são importantes e têm a ver com a educação de fora da escola, que será problematizada e estudada aqui, para que você possa entender como a escola educa tendo presente essa ambivalência da comunicação de massa, que também é uma das ambivalências da escola.

1.4 Elementos condicionantes da comunicação

Agora que você já aprendeu que comunicação é troca de informações em diferentes tipos de relações sociais (interpessoal, institucional e massificada), se perguntarem a você “como saber se em uma dada situação há comunicação?”. O que você responderia?

Bem, é fácil responder a essa pergunta! Em toda relação social acontece troca de informações, portanto, a comunicação se realiza. Você está certo ao responder assim, porém é preciso ter claro que existem elementos que condicionam a realização da comunicação nas relações sociais.

Se prestar atenção verá que esses elementos já estavam colocados nas seções anteriores. Só não foram destacados. Faça-o agora.

As informações para serem trocadas precisam ser produzidas. Fonte é o produtor da informação: pessoa, instituição, empresa de comunicação. A fonte produz informação para um destinatário, que é o que vai se apropriar dela: pessoa, público, massa anônima. Para que possam ser transportadas, da fonte ao destinatário, é preciso um emissor ou codificador que transforme a mensagem em sinais e um decodificador ou receptor que reconstrua na outra ponta. A informação, como se vê, é o conteúdo da comunicação que vai da fonte ao destinatário por um canal que transporta mensagens codificadas em sinais.



Assim, você pode notar os elementos fundamentais da comunicação: fonte, destinatário, emissor, receptor, código, canal, mensagem/informação.

Veja um exemplo: Você vai se comunicar com seu parente por telefone. Você é a fonte da mensagem. O aparelho telefônico é o codificador que vai transformar sua voz em sinais. Os sinais serão transportados por cabos telefônicos (canal) até o aparelho (decodificador) em que está o seu parente, que é o destinatário da mensagem. No aparelho do seu parente os sinais que vieram pelo cabo serão decodificados e a voz será reconstituída. Assim, seu parente pode escutá-lo e vice-versa.



Esses elementos constituem o processo de comunicação analisado pelas teorias da comunicação, seja entre pessoas ou entre máquinas. Porém, conforme o interesse da análise, o significado e o valor de cada um pode mudar. Além disso, algumas teorias incluem outros elementos para compreender a comunicação.

Veja:

Você pode entender a comunicação apenas como transmissão de informações. Neste caso, o principal elemento condicio-

nante da comunicação é o canal que transporta as informações em sinais. Se o canal funcionar bem, então a comunicação se realiza. Essa é a concepção de comunicação presente nas **teorias da informação**, interessadas em alcançar o máximo de precisão na comunicação a distância, ou seja, seu parente escutará você ao telefone perfeitamente.

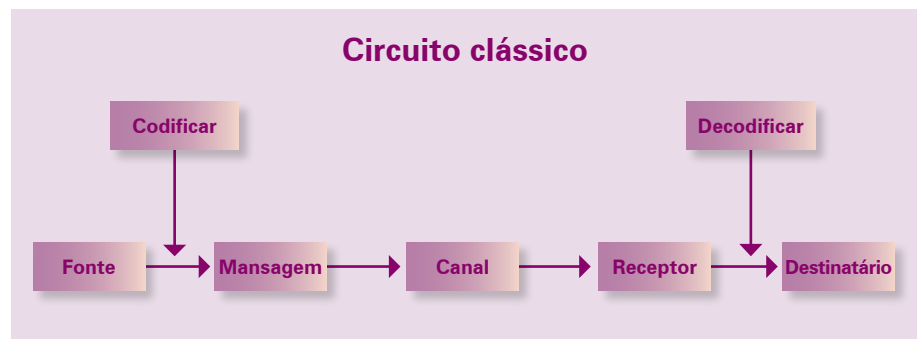
Mas como saber que a comunicação acontece? Diante dessa pergunta você pode responder: a comunicação acontece quando a mensagem chega da fonte ao destinatário sem ruídos e interrupções.



Teoria da Informação é uma teoria matemática da comunicação criada por Shannon em 1940 nos EUA. Engenheiro de uma empresa de comunicação, o interesse das pesquisas de Shannon era de baixar os custos do processo comunicativo.

A comunicação é um processo linear que começa com a fonte e termina no destinatário.

Esquema do circuito clássico



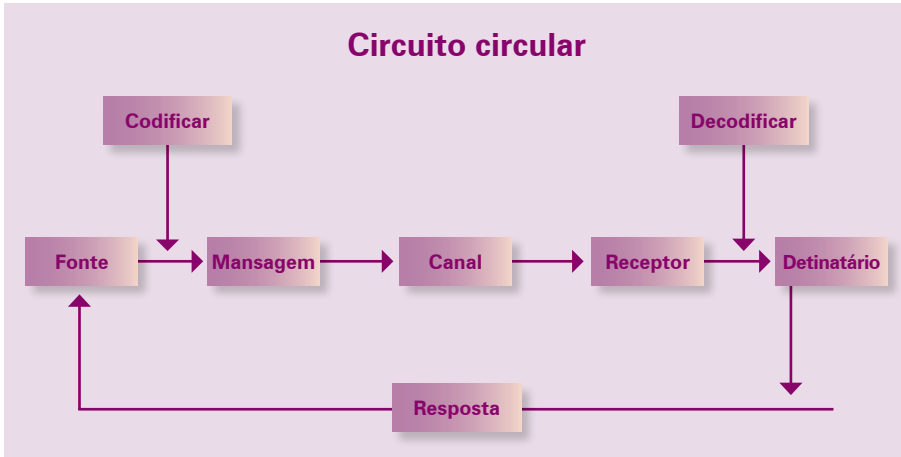
De outro modo, você pode entender a comunicação como processo relacional entre fonte e destinatário. Não é suficiente transmitir a informação, ela precisa ser compreendida. Nesse caso, o principal elemento condicionante da comunicação é a lingua-

gem pela qual fonte e destinatário vão se relacionar. Então você dirá: a comunicação acontece quando o destinatário entende a informação produzida pela fonte e se relaciona com ela.

I M P O R T A N T E

A comunicação é um processo circular de interação que vai da fonte ao destinatário e volta.

Esquema circular

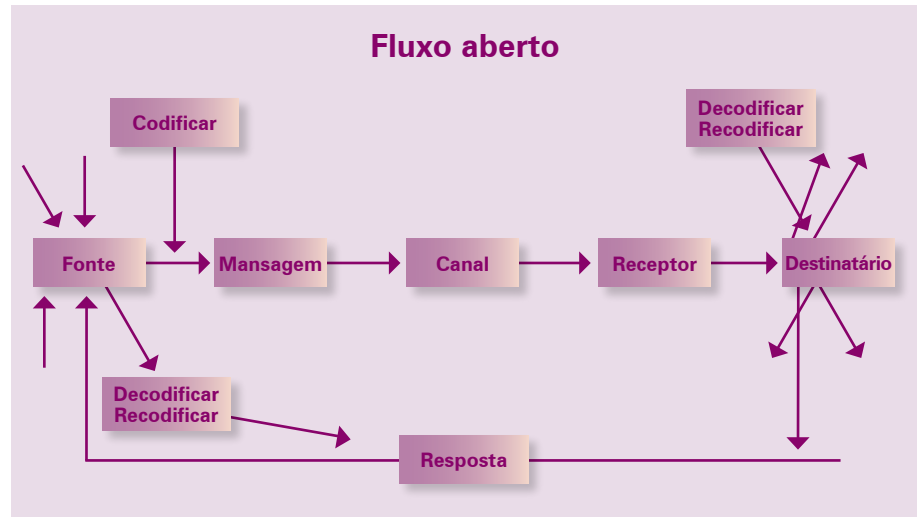


- 1- A teoria da comunicação da escola de Palo Alto, da mesma época da teoria da informação. A escola de Palo Alto é formada por um grupo multidisciplinar crítico à teoria da informação.
- 2 - É a teoria semiótica da comunicação, conforme será estudada na Unidade 2.

Uma outra possibilidade é entender a comunicação como interação aberta. Nesse caso todos os elementos estão envolvidos e, além deles, as condições de como a fonte produz a informação e como o destinatário a interpreta. O destinatário é alguém que busca a informação de modo que ela possa ser interpretada infinitamente.

Diferente das situações anteriores em que os processos linear e circular são fechados entre fonte e destinatário, aqui o processo comunicativo é visto aberto e imprevisível.

Esquema aberto



Veja um exemplo: este texto que está lendo foi produzido para você e para milhares de outros funcionários da educação que também farão este curso. Isso foi uma condicionante na produção das informações, na qual se tem de escolher linguagem, vocabulário, conteúdos, etc. Já a condição para a interpretação que você fará do texto é a de que está estudando para aprender alguma coisa sobre comunicação na escola. Entretanto, um estudioso da educação interessado em pesquisar como é feita a formação profissional dos funcionários neste curso, poderá interpretá-la de outro modo. Uma terceira pessoa, estudiosa da comunicação, interessada em avaliar a validade do texto quanto aos conhecimentos de comunicação, terá outra interpretação.

As informações estão aí. Foram produzidas e reproduzidas. Interpretadas e recriadas pelos destinatários. Não são mais as mesmas informações que a fonte (o autor do texto) colocou em circulação.

Portanto, há de se considerar também o contexto da troca de informações, além dos elementos e das relações entre eles para saber se há ou não comunicação.

Então, para alguns, a comunicação se realiza quando o destinatário recebe a mensagem. Para outros, a comunicação acontece quando o destinatário compreende a mensagem como a fonte a produziu. Para outros, ainda, a comunicação é um processo em que o destinatário interpreta a mensagem em um dado contexto e a transforma.

De qualquer maneira, os elementos básicos envolvidos na comunicação são os mesmos nas três possibilidades de entendimento citadas anteriormente. Lembro: fonte, destinatário, código, emissor, receptor, mensagem/informação, canal.

Considerando o que foi escrito nesta seção, pense: na comunicação de massa interessa que o destinatário receba a mensagem ou interessa que ele a interprete? E na escola, o que interessa?



1.5 Conceitos de comunicação

E agora, o que diria se alguém lhe perguntasse: “o que entende por comunicação?”.

Diria que é trocar mensagens ou informações? Diria que é expressar algum sentimento, pensamento ou conhecimento? Diria que é conversar com outra pessoa? Diria que é dialogar? Diria que é divulgar notícias? Diria que é fazer propaganda? Diria que é difundir opiniões sobre um assunto, uma pessoa ou uma instituição?

Bem, se você respondeu tudo isso ou apenas uma dessas alternativas, você está certo, pois, quaisquer das respostas indicam algum tipo de relação social. Então, grosso modo, você pode dizer que entende a comunicação como um tipo de relação. Essa é a natureza da comunicação.

Contudo, ainda não dá para ficar satisfeito com essa resposta, pois se a comunicação é um tipo de relação, ela não é qualquer relação. Nesse caso você pode se perguntar: qual é a diferença entre a relação comunicativa e outros tipos de relação?



Pesquise mais alguns conceitos de comunicação, na página da web: <http://www.wikipedia.org.br>

A comunicação pode ser caracterizada de três maneiras diferentes:

1) Como relação das pessoas com mensagens, mas não entre si;

2) Como relação entre pessoas por meio de mensagens - as mensagens são instrumentos das pessoas;

3) Como relação em que ao produzirem, emitirem e receberem mensagens, as pessoas interagem entre si e com as mensagens - pessoas e mensagens não podem ser separados na relação.

Você está pensando se isso faz diferença ou não?

Ora, faz uma grande diferença, pois, no primeiro caso, vai entender a comunicação como uma relação em que as pessoas são ligadas às mensagens, permanecendo separadas entre si. Pela comunicação tornam comuns sentimentos, pensamentos e conhecimentos, quando são transmitidos de umas para outras. A comunicação se caracteriza apenas como transmissão de mensagens.

De outro modo, vai entender a comunicação como uma relação em que as pessoas estão ligadas entre si. Elas compartilham sentimentos, pensamentos e conhecimentos umas com as outras através da emissão e recepção de mensagens e isso possibilita que elas constituam uma comunidade, um grupo social. Neste caso a comunicação é entendida como transmissão de mensagens e compartilhamento do que é transmitido, diferente da situação anterior em que se recebe mensagens que não são compartilhadas.

Por fim, no terceiro caso, vai entender a comunicação como a relação em que as pessoas são as mensagens e as mensagens são as pessoas. Além de emitir e receber mensagens (transmissão) entre si, as próprias pessoas são conteúdos da comunicação. Neste caso as pessoas integram a comunicação, constituem a comunicação. As pessoas fazem a comunicação e são feitas nela. A comunicação é um processo em que as pessoas tornam comuns sentimentos, pensamentos e conhecimentos não apenas porque os transmitem e compartilham, mas porque interagem umas com outras. A comunicação é entendida como interação social. Ao emitirem mensagens, as pessoas estão dizendo o que

sentem, pensam e esperam, para que outras possam concordar ou discordar no processo de construção sociocultural.

Agora você já pode dizer que entende a comunicação como a relação que liga pessoas e se caracteriza pela troca e pelo tornar comum alguma coisa entre elas, apesar de que esse trocar e esse tornar comum possam ser entendidos de formas diferentes: apenas como transmissão; como transmissão e compartilhamento; como transmissão, compartilhamento e interação.

Mas essa resposta ainda não satisfaz. Você pode perguntar, agora, o que faz com que esse tipo de relação exista?

De modo geral é possível afirmar que o que faz com que a relação comunicativa exista é a vida social.

Novamente, isso pode ser entendido de maneiras diferentes. Para alguns, as pessoas vivem socialmente porque se comunicam. Sem comunicação não existe sociedade. Para outros, as pessoas se comunicam porque vivem socialmente. Não existe comunicação sem sociedade. O certo é que vida social e comunicação são indissociáveis. Não podem ser entendidas separadamente. É isso que interessa.

Sua resposta, agora, ganhou mais consistência: comunicação é uma relação que liga as pessoas numa troca, num tornar comuns os sentimentos, pensamentos, conhecimentos, valores e opiniões que elas precisam para viver socialmente. Para viver umas com as outras e construir cultura.

Contudo, ainda caberia uma outra pergunta para você fazer e pensar: qual o papel da comunicação na vida social?

Muitos. O papel fundamental é o de conservar e transformar as relações sociais pela interação crítica das pessoas com valores e saberes transmitidos e compartilhados na própria relação comunicativa.



A origem da palavra comunicação tem a ver com comunidade e com ação comum.



Nesse sentido, a comunicação possibilita a expressão das individualidades; a transmissão de valores e saberes; a conversação e o diálogo entre diferentes (gerações, grupos sociais, gêneros, etnias, etc.); a divulgação de informações, produtos, idéias, etc.; a difusão e propagação de opiniões, produtos, imagens... Além disso, a comunicação também pode divertir, entreter, ensinar, educar, entre outros.

Achou que tinha acabado? Ainda tem uma última perguntinha: como é possível a comunicação?

Para que a comunicação seja possível é preciso produzir, codificar, transmitir mensagens que possam circular entre as pessoas, para que sejam interpretadas, se tornem comuns e possam ser trocadas e compartilhadas, criticadas e questionadas.

Isso só dá para fazer graças à linguagem e aos meios e tecnologias de comunicação que, a partir da próxima unidade serão chamados de mídia.

2

**Relações entre
comunicação,
mídia e linguagens**

Na primeira unidade, você percebeu que todos os elementos constituintes dos circuitos da comunicação social são bem importantes: fonte, emissor, receptor, mensagem, canal, destinatário. Contudo ficou dito que a linguagem e a mídia possibilitam, em geral, o registro e a circulação de informações na sociedade. São as chaves para a interação comunicativa. Por isso destaco esses dois elementos fundamentais da comunicação para você estudar agora.

A linguagem é o elemento com o qual, no qual e pelo qual as pessoas se expressam (suas intenções, sentimentos e pensamentos) representam o mundo (as coisas, os acontecimentos, as ações, as outras pessoas) e interagem (dialogam e conversam para se mostrarem diferentes, para construírem consensos, para negociarem, para compartilharem, comunicarem, entenderem-se). Quer dizer: pela linguagem, com ela e nela o mundo humano é construído simbolicamente.

O objetivo desta unidade é pensar o que as relações entre mídia e linguagem podem significar para o devir humano, para a interação social e para a educação.

A fim de alcançar esse objetivo, retomarei alguns conceitos que você já viu no Módulo 3 - Homem, pensamento e cultura - na unidade 2 - Linguagem, práticas culturais e educação. Essa retomada não é só para lembrar, mas também para poder construir um outro sentido. Um sentido que possibilite ver as linguagens sendo usadas na construção da significação do mundo da perspectiva específica da semiótica.

Você quer saber o que é semiótica?

É só continuar a leitura!

2.1 A semiótica e o estudo da comunicação

A comunicação pode acontecer com apenas uma ou com muitas linguagens envolvidas. Quando estão envolvidas mais de uma linguagem, a comunicação pode envolver tradução de signos de uma linguagem para outra. Por exemplo, pode-se construir o significado de um desenho falando sobre ele, assim como se pode construir o significado de uma frase escrita desenhando. Enfim, é possível um inter-

câmbio entre as linguagens. Você pode assim, expressar-se, representar o mundo e dialogar com outros através de linguagens diversas.

Isso significa que as linguagens têm algo em comum?

É isso mesmo. Da perspectiva semiótica é possível dizer que as linguagens, se não têm signos comuns, pelo menos todas têm seus signos. Se não têm regras comuns para organizar e usar os signos, pelo menos têm as suas regras para organizar e usar os signos. Se não têm significados precisos, pelo menos possibilitam a significação.

Semiótica? O que significa isso?

Não é nada de outro mundo.

A semiótica é uma ciência que estuda a produção de sentido com base nas relações entre os signos. A semiótica é uma teoria geral dos signos e dos processos de significação. O estudo da semiótica envolve o estudo dos signos em seu uso, isto é, no processo de significação em linguagens. É uma teoria pragmática dos signos: é uma teoria dos signos quando são usados na prática comunicativa.

Veja:

Há dois grandes nomes associados à semiótica: o de **Charles Peirce** e o de **Ferdinand Saussure**. Convido você a pensar junto com Peirce, cuja teoria semiótica com base pragmática tem tido repercussão forte nos estudos da comunicação.

Segundo Peirce, o pensamento humano é sempre representação. Ele quer dizer com isso que o homem pensa sempre alguma coisa por meio de outra: re-presenta. E assim faz com o próprio pensamento. Por exemplo: você sabe o que pensa sobre comunicação? Como é que você sabe o que pensa? Colocando o pensamento em palavras, em imagens ou em desenhos, por exemplo.

Peirce diria que o homem sabe o que pensa porque pensa por signos. Signos, para ele, são coisas que, para alguém, tem o mesmo valor que outras coisas sob algum aspecto ou capacidade. Para estudar o processo de significação, então, a



Peirce (1839-1914) filósofo norte-americano, considerado iniciador do pragmatismo.



Saussure (1857-1913) lingüista e semiólogo suíço, é considerado o pai da teoria estruturalista da linguagem.



A semiótica interessa-se também pelos signos naturais, como os signos biológicos pelos quais caracteres genéticos são transmitidos de pais para filhos, por exemplo. Diferente é aquilo a que o signo representa. Representar significa tornar presente outra vez. No pensamento, as coisas estão presentes como signos. Conforme a semiótica de Peirce.

semiótica centra-se, por assim dizer, na vida dos signos. Dos signos das linguagens verbais, das linguagens não-verbais e das linguagens tecnológicas em contextos enunciativos. No contexto em que são usados por alguém, como estou fazendo agora com palavras escritas, que são um tipo de signo.

Quando você estudou a linguagem no Módulo 3 - Homem, pensamento e cultura - viu que do ponto de vista estrutural da linguagem o signo é ao mesmo tempo significante (a parte material do signo como os sons de uma palavra falada ou como as letras de uma palavra escrita) e significado (o que ele representa – uma coisa, uma idéia).

Aqui na semiótica o signo continua a ser significante, mas o significado ganha um outro sentido. Na semiótica o signo não significa sozinho. Para que ele signifique é preciso um referente e um interpretante. Isso mudará a noção de significado.

Veja:

A noção de que o signo é equivalente a outra coisa significa que ele pode estar no lugar dessa outra coisa a qual ele se equivale. Esta outra coisa pode ser um objeto (uma árvore), uma idéia (igualdade), um sentimento (amor) ou outro signo (palavras). Se você considerar que o significado do objeto está para o pensamento do homem, como diz Peirce, então o referente do signo é sempre outro signo, pois o homem pensa mediante signos.

Como assim?

É isso mesmo! Acontece que quando escrevo “cadeira”, por exemplo, a palavra se refere à coisa cadeira. Mas veja, eu só sei que coisa é a cadeira em decorrência da palavra. Então, a coisa é um signo da palavra e a palavra um signo da coisa.

Na mesma linha, a noção de que o signo é alguma coisa para alguém, significa que o seu significado é construído por um interpretante. Mas esse interpretante não é uma pessoa que interpreta, senão outro signo.



Como é que um signo pode interpretar outro signo?

Bem, não é que um signo interpreta outro. O caso é que uma pessoa só pode interpretar um signo através de outro signo. Se alguém lhe pergunta: o que você quer dizer com “não entendi?”. Você não vai responder a quem perguntar: “quero dizer que não entendi!” Se você disser isso, não vai esclarecer em nada o seu interlocutor. A sua resposta não terá sentido. Você terá de usar outros signos que possibilitem a construção de sentido entre vocês: “quero dizer não consigo usar isso”; “quero dizer que isso não faz parte da minha vida”; “quero dizer que aqui na escola não temos equipamentos para fazer o que você está dizendo”. Entendeu? Você usa outras palavras para dar sentido a palavras que o outro não compreendeu.

Com isso, espero que você tenha podido compreender que, nos estudos semióticos, não há comunicação sem significação e não há significação sem interpretação, isto é, sem a passagem que as pessoas fazem de signos para outros signos e de códigos para outros códigos na busca da significação.



Você não lembra o que é significação?

Significação é o processo de construção do significado com o uso de signos. Se você está diante de um signo e ele não significar nada para você, então não há comunicação. Se não compreender o que está lendo, então as palavras escritas não tem significado para você. Agora, um signo só vai significar se você puder interpretá-lo. A necessidade de interpretar diz respeito a que um signo não significa por si mesmo. Ele é significado no contexto do uso que se faz dele: em um código e em uma situação. As condições que você tem para interpretar o que está lendo individualmente são diferentes das condições que teria se estivesse lendo com outros.

Isso é complicado? Você está com dificuldades para interpretar? Está confuso?

Preste atenção!



A significação é o processo pelo qual os signos são usados socialmente. Ou seja, é quando são usados os signos para dizer alguma coisa a alguém: uma pessoa (comunicação interpessoal), um grupo de pessoas (comunicação institucional), uma multidão de pessoas (comunicação de massa).

Contudo, não é porque signos são usados que há comunicação. A comunicação só acontece se as pessoas entenderem alguma coisa com esses signos. Para que elas entendam, os signos precisam ser veiculados em um código que possibilite interpretá-los. Interpretar é dar significação aos signos? Sim, pois os signos não significam sozinhos. Eles são significados no seu uso socio-cultural na relação com outros signos, quando alguém os usa para dizer alguma coisa a outro. Isso é a significação e por isso não há comunicação sem ela, na perspectiva semiótica.



42 *Os símbolos são apenas um dos diversos tipos de signos, como você verá daqui a pouco.*

2.2 Linguagens e códigos

Você lembra o que significa dizer que o homem é um ser simbólico?

Significa, ao mesmo tempo, que o homem é capaz de simbolizar e que ele próprio pode ser um signo.

Simbolizar é produzir símbolos ou signos e, através deles, representar coisas, acontecimentos, sentimentos, pensamentos, idéias, valores.

Com essas representações (com os signos) o homem pode expressar sua individualidade e interagir (dialogar, conversar, trocar informações, comunicar) com os outros.

Mas, será que ao fazer um desenho, que é um modo de produzir signo, uma pessoa consegue se comunicar com outra? Quando pinta um quadro ela comunica? E quando ela escreve alguma palavra, será suficiente para comunicar? Ao mostrar a língua uma criança comunica? E quando chora? Falar, que é modo mais co-

mum de produzir signo será suficiente para comunicar?

Não, a produção de signos não é suficiente para comunicar.

Já sei! Você deve estar se perguntando: se os signos não são suficientes, o que mais é preciso para comunicar?

Veja:

Signos são coisas que colocamos no lugar de outras para representá-las. Assim, por exemplo, o desenho de um pássaro, a palavra pássaro, o som p-á-s-s-a-r-o são signos que estão no lugar de outra. Podem estar no lugar de um pássaro como podem estar no lugar de algum sentimento ou de alguma idéia: o desenho de um pássaro pode ser um signo para a idéia de pressa, de velocidade; pode ser um signo para o sentimento de liberdade; pode estar no lugar da idéia de paz; pode estar no lugar da idéia de sabedoria. Como saber?

Você acha que sem saber isso as pessoas não poderão interagir e se comunicar, não é?



Você tem razão. A interação simbólica (a comunicação) só é possível quando signos são usados em contextos que lhes possibilitem significar. Um contexto imediato é o contexto em que os signos são relacionados uns aos outros através de regras, formando um código ou uma linguagem.

Sendo assim, uma pessoa pode se comunicar com outra somente em códigos e linguagens, pois, com isso, ambas poderão usar signos que compartilham. Os códigos podem ser secretos ou podem ser abertos. Grupos de pichadores, por exemplo, usam uma linguagem que só eles podem entender. Seitas religiosas também. Filósofos comunicam-se usando uma linguagem tão técnica que quase só os profissionais da filosofia conseguem entender. Diferente é a linguagem usada pelos jornalistas, que quase todas as pessoas conseguem entender. A igreja católica tem uma linguagem própria, diferente da linguagem da umbanda. Diferente ainda é a linguagem que usamos para conversar na esquina, que parece que todo mundo entende.

De qualquer maneira, mesmo que uma pessoa não entenda o que a outra quer dizer quando faz um desenho, por exemplo, o desenho pode ser traduzido em palavras ou em gestos. Ou em palavras e gestos ao mesmo tempo. Enfim, um desenho pode ser significado com palavras ou gestos. Palavras e gestos ficam no lugar do desenho, mas não têm necessariamente o mesmo significado.

Nessa interação entre pessoas, pela linguagem, signos são traduzidos de um código para outro e assim são construídos os significados com base no uso de uma ou várias linguagens. Na medida em que produzem a significação juntas, as pessoas compartilham signos e significados e podem passar a usar signos com significados específicos ou variados. Criam um código de comunicação. Quem não entendia o significado no desenho passa a entender por palavras ou gestos.

Você quer saber como se chega a essa situação de compartilhar signos e significados?

Chega-se a compartilhar signos e significados por convenção: um grupo de pessoas vai dizer a outra: o que você está querendo dizer com esse desenho? A pessoa que desenhou fala: estou querendo dizer tal coisa. Assim, quando elas se entenderem entre si estarão inventando, decidindo e instituindo (convencionando) signos e significados que poderão valer apenas para o grupo, para uma comunidade ou até para toda a humanidade.



Toda a humanidade? Sim! Pense nos sinais de trânsito. Pense nos números. Pense nos sinais da matemática. São apenas alguns exemplos de signos e significados compartilhados por toda a humanidade.

Dessa conversa, então, interessa que você tenha claro que os signos sozinhos podem servir para uma única pessoa expressar sua individualidade e/ou representar alguma coisa para si mesma. Mas se essa pessoa quiser dizer o que sente, pensa e sabe para outra, então os signos terão de ser usados num contexto que os organiza através de regras de uso compartilhado por elas. Esse contexto é um código, uma linguagem inventada para que as pessoas possam se entender umas as outras, além de se expressar e representar o mundo. Se não fosse assim, como você estaria lendo isso que eu escrevi?

Cada palavra é um signo que você conhece e cujo significado pode estar na relação com as outras palavras e com seu contexto de leitura. Conhecimento do vocabulário, tempo e espaço de leitura, etc.

Assim, como você vê, podem ser construídos muitos códigos e linguagens conforme o modo como diferentes signos forem usados: desenhos, sons, escrita, imagens, fumaça, etc. podem ser combinados de diferentes maneiras, segundo diferentes regras de uso. E pode haver combinações entre signos diferentes que formam diferentes linguagens, como a chamada **linguagem audiovisual** que relaciona imagens, fala, escrita e música em um filme, por exemplo.

Tradicionalmente as linguagens são classificadas em dois grandes grupos: as verbais (fala e escrita) e as não verbais (gestos, cores, sinais, desenhos, entre outras), como você já sabe. Assim também os códigos são classificados em analógicos e digitais, uma diferenciação muito importante.

Pense e responda: os signos sozinhos não significam, mas o simples fato de estarem codificados em um código que os relacione uns com os outros seria suficiente para significarem? Por exemplo, o que a frase a seguir serve para você: "Saber é poder."

2.3 Códigos analógicos e códigos digitais

Os signos são elementos fundamentais na comunicação. Mas o fundamental no estudo semiótico da comunicação é entender do que os signos são capazes quando usados nos processos de significação e interação social.

Você verá na próxima unidade que as transformações nas mídias para acelerar e aumentar o alcance da comunicação, constituem basicamente na **complexificação** da tecnologia e na simplificação da linguagem.

As mídias se complexificam porque envolvem diversas máquinas (computadores, cabos, satélites, TV, rádio, antenas e outros) que emitem, recebem e distribuem signos na forma de sinais. Mas para que isso fosse possível a linguagem foi simplificada.



Comunicação Audiovisual é todo meio de comunicação expresso com a utilização conjunta de componentes visuais (signos, imagens, desenhos, gráficos etc.) e sonoros (voz, música, ruído, efeitos onomatopeicos etc.), ou seja, tudo que pode ser ao mesmo tempo visto e ouvido.



Uso a palavra complexificação, para me referir ao processo em que novos elementos vão sendo inseridos e relacionados com outros na construção do mundo humano. Neste caso específico, refiro-me à construção de tecnologias de informação e comunicação.

Veja:

Segundo a semiótica, há três tipos de signos criados através de operações dialógico-comunicativas. Para que as pessoas possam se entender umas com as outras, traduzem signos através de outros signos, assim:

• *em operações de semelhança. Por exemplo, quando se quer significar um pássaro, pode-se falar p-á-s-s-a-r-o. Se o interlocutor não entende a palavra falada, pode-se, então, desenhar um pássaro. O desenho é um tipo de signo (representação) criado por semelhança com o referente (um pássaro). Assim também a fotografia, a escultura na maioria das vezes e as pinturas que retratam paisagens, pessoas e objetos são signos interpretados por semelhança. Esses signos são chamados de ícones.*

• *uma outra operação comunicativa pela qual se cria signos é a de contigüidade ou interpretação por associação de um objeto a outro, mesmo que eles não sejam semelhantes. Por exemplo: a fumaça como signo de fogo; a nuvem como signo de chuva. Fumaça e nuvem não significam fogo e chuva por semelhança, mas porque a presença de um indica o outro. Por isso esses signos são chamados de índices.*

• *por fim, a terceira operação dialógica é a de contigüidade instituída, que é a criação de signos por convenção, como você viu na seção anterior. O uso destes signos depende da instituição de regras de uso. Eles são chamados símbolos. Como exemplos podemos citar as palavras da linguagem oral e da linguagem escrita (exceto quando imitam sons da natureza, como nas onomatopéias: bééé! Coach! Buuu!). Os símbolos, assim como os índices, não têm semelhança com os seus referentes. Ou você acha que a palavra “cadeira” se parece com uma cadeira? E a palavra “palavra”, se parece com o que?*

Imagino que você deva estar se perguntando novamente: e daí, em que é que esses ícones, índices e símbolos podem me ajudar para entender a complexificação da comunicação e a simplificação das linguagens?

É que esses signos constituem dois grandes tipos de códigos. Os códigos analógicos e os códigos digitais. Eles mesmos são signos analógicos e signos digitais.

Os códigos analógicos têm a ver com signos físicos e mais complexos: desenhos, artes, gestos. Signos físicos precisam de **suportes** materiais para ser transportados. Coisas materiais só podem ser transportadas por meio de canais mecânicos: você leva uma carta ao posto do correio; o correio envia a carta por automóvel ou por avião até o posto de correio do outro município e uma pessoa terá de levar até o seu parente.

Já o código digital não. Digital vem de dígito, números de 0 a 9, mais letras. Com eles foi possível se chegar ao código binário, que é o mais simples a que se reduziu a linguagem. Por exemplo, você pode combinar com alguém que, se piscar o olho direito, está tudo certo, mas se piscar o olho esquerdo, está errado. A piscada é um signo codificado para comunicação entre você e outra pessoa.

Na mídia eletrônica (rádio, TV, telefone, computador, etc), em geral, as informações são codificadas em códigos binários digitais. Neles, todos os signos analógicos (desenhos, imagens, sons, etc.) são convertidos, traduzidos, interpretados pelos dígitos 0 e 1, o que facilita e aumenta a capacidade de armazenar e transmitir informações. Assim, no celular sua voz é codificada em sinais por meio de um código binário. É transmitida em ondas eletromagnéticas pelo ar até uma antena que manda os sinais para outra antena até chegar ao aparelho telefônico do seu interlocutor e ser decodificada em questão de segundos. Via satélite, então, a transmissão é mais rápida e precisa.

Entendeu por que a mensagem anda mais rapidamente nos aparelhos eletrônicos? Porque o físico é transformado em virtual? Porque o mecânico é transformado em energia? A energia é um tipo de material muito mais fluido, leve e ágil do que materiais mais densos como o papel, a pedra, a madeira, etc. Por isso se movimenta com muito mais velocidade em canais apropriados.

Nesse sentido, então, os signos analógicos representam com maior vivacidade e presença nossos pensamentos, sentimentos e conhecimentos do que os códigos digitais que são muito mais ágeis, eficazes e eficientes na produção e circulação de informações.



Suporte é o material ou espaço no qual signos são inscritos para expressar a individualidade e ou transmitir informações. Exemplo é o papel para a escrita, a tela para a pintura, a parede da caverna para a arte rupestre, o corpo para a gesticulação.



*Se você puder, assista pelo menos uma parte do filme **Matrix**. Este filme retrata como o material mecânico se transforma em energia e como o físico se transforma em virtual. Além disso, faz pensar sobre as relações entre humanos e máquinas, que é um dos nossos assuntos aqui. Assista ao filme e pense onde o homem pode chegar com o avanço das tecnologias da informação e da comunicação.*



Filmes

A cela, 2000, EUA, direção de Tarsem Singh – pense sobre a possibilidade de uma pessoa entrar na mente de outra usando tecnologia e recodificação.

Matrix, 1999, EUA, direção de Andy e Larry Wachowski – pense sobre a criação de realidades virtuais pela tradução de códigos analógicos em códigos digitais.

Músicas

Kid Vinil, de Zeca Baleiro
Da Lama ao Caos, de Chico Science

2.4 Linguagens e mídia

Agora que você já sabe a diferença entre linguagens verbais e não-verbais e entre códigos analógicos e códigos digitais, precisa ter noção de como isso funciona na mídia. Ou melhor, precisa entender que diferentes mídias usam diferentes códigos e linguagens e com isso têm maior ou menor alcance com menor ou maior rapidez do que outras.

Quanto mais rápida e abrangente a mídia, com mais intensidade e poder ela passa a figurar na sociedade, pois com ela se pode atingir o maior número de pessoas ao mesmo tempo. Para isso, contudo, as pessoas precisam ter acesso aos aparelhos receptores e decodificadores, como TV, rádio, telefone, computador.

Mas não é isso o mais importante de ser pensado agora. O mais importante é a questão da significação nos contextos de uso dos signos. Escrevi antes que os signos analógicos seriam mais vivos e presentes que os digitais, não foi? Por que os digitais não atraem? Eles quase não aparecem, mas são necessários para que as linguagens humanas possam alcançar multidões.

Os códigos digitais são os códigos das máquinas. As máquinas emitem e recebem sinais, codificam, decodificam e recodificam as linguagens humanas.

É claro que você, neste momento, não precisa dominar as linguagens das máquinas. Mas precisa saber que as informações estão disponíveis em certas mídias com tanta qualidade sonora e visual graças a essa recodificação do analógico em digital.

O que quero dizer é que a imagem que você vê na TV não aparece tal qual como foi filmada. Ela é retocada, recodificada, manipulada, produzida tecnologicamente e se transforma naquela maravilha que é. Com isso podemos ver coisas que não existem e ver de maneiras diferentes as mesmas coisas.



Você pode conhecer um pouco das novas tecnologias de tv digital, que estão sendo trazidas para o Brasil, no endereço eletrônico: http://www.mc.gov.br/tv_digital1.htm



*O termo “meio de comunicação” refere-se ao instrumento ou à forma de conteúdo utilizados para a realização do processo comunicacional. Quando referido à comunicação de massa, pode ser considerado sinônimo de mídia. Entretanto, outros meios de comunicação, como o telefone, não são massivos e sim individuais (ou interpessoais).
Sonoro: telefone, rádio.
Impresso: jornais diários e revistas.
Audiovisual: televisão, cinema.
Multimídia: diversos meios simultaneamente.
Hipermídia: Internet, que aplica a multimídia (diversos meios simultaneamente, como escrita e audiovisual) em conjunto com a hipertextualidade (caminhos não-lineares de leitura do texto).*



Dependendo da mídia e dos canais pelos quais os signos (imagens, palavras, sons, desenhos, fotografias) circulam, isto é, são codificados e recodificados, mais do que conduzidos, eles são modificados e modificam o processo de comunicação. Os canais e as mídias não são meros transportadores ou veículos de informações, eles modificam as informações. A mídia sim-

plifica ao máximo os signos para poder produzir o máximo de exatidão e de padrão estético. Assim, por exemplo, as águas poluídas de um rio podem aparecer límpidas e azuis na tela da TV ou do computador. Os dentes escurecidos pelo café aparecem brancos num comercial de creme dental, e assim por diante. As mídias e seus códigos criam uma outra realidade significativa que precisa ser interpretada.

Veja um exemplo simples, de mídias acessíveis:

A escola quer agradecer aos pais dos alunos pelo esforço que fizeram na arrecadação de recursos materiais para reformar os banheiros. Essa decisão foi tomada há dez dias do recesso de meio de ano e, obviamente, o agradecimento tem de chegar aos pais antes disso. Isso implica um processo de comunicação. Mas para que os pais possam entender bem, o agradecimento, terá de ser feito por meio de uma linguagem. Qual linguagem seria melhor para esse agradecimento? E que mídia poderia ser usada?

Poder-se-ia escrever uma carta. Poder-se-ia fazer um cartão com gravuras. Poder-se-ia fazer uma peça teatral. Enviar uma mensagem pelo rádio. Poder-se-ia fazer uma estatueta de madeira ou de barro. Poder-se-ia fazer uma festa na escola. As possibilidades são diversas. Acontece que a escola quer atingir todos os pais. O que é mais indicado, então?

Acredito que a forma mais indicada é utilizar uma linguagem em que seja fácil de produzir a mensagem, com uma mídia que vá chegar aos pais sem que eles precisem ir à escola. Veja, falo em eficiência da comunicação, não necessariamente em afetividade e significação na comunicação. Receber e entender o significado da mensagem não significa sentir a mensagem. Neste caso, o mais indicado parece ser a carta. A linguagem escrita é a forma mais fácil para produzir a mensagem, o papel é um suporte fácil para transportar.

Se você comparar a carta com uma peça teatral, como mídia, vai perceber que é muito mais simples de ser produzida. Seja porque os signos (palavras escritas) são mais leves e fluídos do que os do teatro, que são mais mecânicos e pesados (personagens, cenário, vestimentas, etc.) ou porque o teatro exige a presença aqui e agora dos pais, e a carta não. Ela pode ser lida em qualquer momento, diferente do teatro que tem de ser assistido no momento em que acontece, a menos que seja filmado. Assim, a carta é mais eficiente, mas não necessariamente mais significativa que o teatro.

E há uma outra diferença ainda: a carta só suporta linguagem escrita, imagens e desenho. O teatro suporta imagem, escrita, fala, gesto, toque, afeto, som. As diferentes mídias com diferentes códigos e linguagens geram sentimentos distintos, portanto, possibilitam significar diferente.

Se você tivesse de escolher, que linguagem e que mídia escolheria para receber informações da escola: documentos escritos, recados falados ou computador? Você conseguiria justificar a preferência?



2.5 O fluxo semiótico da comunicação

Na primeira unidade você teve contato com uma noção clássica de comunicação, que continua sendo usada pelos profissionais da comunicação para produzir e transmitir informações.

Com essa noção, a comunicação é entendida como um processo de interação que consiste na troca de mensagens e se realiza num circuito que vai da fonte ao destinatário. A fonte pode ser uma pessoa, uma instituição ou uma empresa de comunicação e o destinatário pode ser uma pessoa, um grupo de pessoas, instituições ou mesmo uma multidão.

É o circuito clássico da comunicação que envolve um código pelo qual se codifica e se decodifica mensagens. Esse código que possibilita a codificação e decodificação de mensagens é, supostamente, o mesmo para o emissor e receptor, assim os signos que circulam parecem ter significados precisos. A decodificação pelo destinatário dos signos codificados pela fonte seria suficiente para o destinatário entender a mensagem. O circuito clássico, nesse sentido, reduz a comunicação à transmissão de mensagens e informações.

Se considerarmos as pessoas como emissoras e receptoras, a linguagem será o código. Assim, por exemplo, se você conhece as palavras que eu escrevo, basta lê-las para entender. Contudo, a partir desta unidade, você percebeu que, segundo a semiótica, as coisas não se passam bem assim, pois a decodificação de uma mensagem implica em recodificação e inter-

pretação. Para que alguém entenda efetivamente uma mensagem tem de poder significá-la em outro código: recodificá-la.

Se o processo de significação envolve decodificação e recodificação, significa que a mensagem é modificada ao ser traduzida em outro código, como foi dito na seção anterior.

O significado da mensagem, portanto, não é algo que se recebe pelo contato com os signos. Os signos sozinhos não significam, lembra! É preciso interpretar os signos para que se chegue a um significado, que não está no signo, mas na interpretação ou significação produzida pelo interpretante com os signos.

O significado a que se pode chegar na interpretação (recodificação) pode ser diferente do que o emissor teria criado na codificação.

Assim, diferentemente do circuito clássico que é fechado, o fluxo semiótico da comunicação é aberto. As mensagens transformam-se ao serem codificadas, decodificadas e recodificadas. A fonte é origem de informações e mensagens porque as recodifica, as interpreta e emite para outros destinatários. A fonte é destinatário e o destinatário é fonte.

As informações não ficam num circuito linear, nem num circuito circular, mas se dispersam em múltiplas informações conforme vão sendo decodificadas e recodificadas: interpretadas.

Você pode concluir disso que, se as mídias modificam as informações ao recodificarem os signos, isso significa que elas não são neutras na transmissão de mensagens e no processo comunicativo.

Use um dos murais da escola para ensinar uma receita deliciosa e fácil que você conhece. Faça isso em três dias: no primeiro dia use apenas desenhos para indicar os ingredientes; no segundo, acrescente números para indicar as quantidades; no terceiro, inclua palavras para nomear os ingredientes e explicar como se faz. Acompanhe a repercussão dia-a-dia na escola deixando um espaço no mural para que os interessados deixem suas interpretações e comentários. Observe quem se interessou, o que foi comentado e como foi o processo de recepção da informação. Além de desenhos, números e escrita foi preciso ainda uma outra linguagem para a compreensão da receita? A oral, por exemplo? Anote tudo e reflita sobre as possibilidades de usar o mural na escola para comunicar de diferentes maneiras informações importantes.



I M P O R T A N T E

3

**Relações entre
comunicação,
mídia e história**

Quando tentamos entender alguma coisa ela fica cada vez mais complicada, você não acha? E quanto mais complicada, mais interessante e desafiadora fica. Pelo menos para mim é assim.

Se você achou complicado entender a comunicação pelo viés da semiótica, a mim cabe a tarefa de trazer mais elementos para você pensar o porquê dessa complicação, não para complicar mais o seu pensamento, mas para ajudá-lo a pensar com consistência.

Como você acabou de estudar os elementos “internos” dos processos comunicativos, nesta unidade o objetivo é tentar situá-lo na história, a complexificação da comunicação.



Você deve lembrar que mundo para os homens é o mundo humano, construído socio-culturalmente. O mundo humano é a história humana. Sendo assim, pode pensar que em outros momentos dessa construção a comunicação aconteceu de formas variadas, dadas as condições existentes. Por exemplo, não tendo tecnologias de locomoção, os homens só podiam conhecer aquele pedaço da Terra em que viviam; não tendo tecnologias para telecomunicação, só podiam se comunicar com indivíduos do grupo em que viviam.



Marshall McLuhan (1911-1980), professor de literatura canadense, introduziu nos estudos de comunicação as famosas expressões “aldeia global” e “os meios são as mensagens”. Tem sido uma das referências para os estudos das mídias desde os anos de 1970.

Não tendo como conhecer tudo e nem se comunicar com todos, porque não existia meios para isso, o mundo de nossos ancestrais era muito menor e mais simples do que o nosso e a Terra era muito maior e mais misteriosa para ser conhecida.

Na medida, porém, que o homem passou a usar materiais, a desenvolver habilidades técnicas e a se locomover com mais intensidade, novos desafios se colocaram. Diante desses desafios, ganhou agilidade e passou a conhecer mais e mais a Terra. O planeta foi se tornando cada vez menor e o mundo cada vez maior. Isso só foi possível porque o homem foi inventando equipamentos e tecnologias para poder conhecer e transportar conhecimentos pelo mundo, até chegar ao que **McLuhan** chamou de “aldeia global”.

Nesse processo que não se sabe bem como começou nem onde vai dar, no qual o homem está imerso, já se usou, para comunicar: o próprio corpo, pedra, osso, madeira, fumaça,

animais, tambores, carruagens, barcos, carros, entre muitas outras coisas até chegar nos equipamentos e tecnologias eletrônicos que você tem em casa. Essas máquinas que mostram o mundo e o planeta “ao vivo e a cores” em um tubo de imagem, como é o caso da TV e do computador.

É dessa história que você vai se aproximar um pouco agora, para saber que linguagens e mídias o homem inventou para se comunicar na construção do mundo: no seu devir.



A história da comunicação, é claro, não é uma história separada da história das sociedades, das culturas, das linguagens, das tecnologias. As invenções e o uso que delas se fez e se faz estão relacionadas a certas condições e carências, mas também a escolhas e interesses políticos e econômicos. Porém, terei de ser breve na contextualização das escolhas e interesses para poder pensar outras coisas também importantes com você. Até porque você já deve ter construído uma boa noção dos contextos históricos por meio dos estudos do bloco de formação pedagógica (Módulos 1 a 6).

3.1 A comunicação antes da escrita

Em tempos remotos, a comunicação necessária aos homens era feita por signos sonoros (ruídos, grunhidos e gritos) e por signos corporais (gestos) compartilhados pelos indivíduos de um mesmo grupo. O suporte dos signos era o próprio corpo e a relação comunicativa cara a cara. A memória era quase inexistente e o homem não sabia falar.

Em condições biológicas e culturais desfavoráveis, a comunicação humana, pode-se dizer, era instintiva, como a que acontece entre os animais. Não havia linguagem. Passaram-se milhares de anos até que o homem pudesse se comunicar por meio da fala, embora a comunicação por sons já fosse utilizada: bater as palmas das mãos, bater dos pés no chão, bater as mãos nos peitos, bater pedras e madeira.

Mas, como será que o homem aprendeu a falar se ninguém falava antes? Quem teria lhe ensinado?



Quero deixar claro a você que o texto que segue apresenta invenções e transformações em certa ordem cronológica. Tenho dúvidas se a história tem uma linearidade cronológica como o texto que escrevi, mas é essa a maneira como posso apresentá-la agora.



A suposição é a de que o homem aprendeu a falar sozinho. Não só aprendeu a falar como também inventou um jeito de falar que pudesse ser compartilhado por todos que viviam juntos. E o fez para expressar e comunicar.

Como é que ele teria chegado a essa condição de falar? Teria sido por imitação dos sons da natureza, como o do canto dos pássaros, por exemplo? Ou teria sido espontaneamente, com seus próprios AIS! (em momentos de dor), GRRR! (em momentos de raiva) e OH! (em momentos de espanto e surpresa)?

Não se sabe ao certo. O caso é que o homem passou a falar e isso aconteceu há mais ou menos 40 mil anos. Vocês conseguem imaginar esse período de tempo? 40 mil anos!

E em que consistia fundamentalmente a fala? A fala consistia na articulação dos sons da voz referidos a objetos, ações e acontecimentos. Falar era colocar sons articulados e organizados no lugar de outras coisas. Os sons da fala, assim, tornaram-se signos. E os signos organizados num sistema constituíram uma linguagem, como você já sabe.

A fala, portanto, é linguagem oral: a primeira e mais importante linguagem inventada pelo homem até hoje. O uso da fala para se comunicar levou ao desenvolvimento da memória (para poder reter a fala do outro) e do intelecto (para poder compreender a fala do outro) e, com isso, o homem pode intensificar as relações sociais e transformar mais densamente o mundo. Primeiro simplesmente descrevendo o que via e sentia, depois, criando formas diversas de falar, como narrar ou contar aos outros acontecimentos naturais ou vivenciados, como uma caçada, por exemplo.

Contudo, quando o homem aumentou o seu mundo falando, vivendo não apenas da caça, mas também de uma agricultura nômade, a linguagem oral começou a mostrar suas limitações, pois com ela só se podia comunicar aqui e agora, na presença dos outros. Para se comunicar com a fala era preciso que as pessoas estivessem juntas no mesmo ambiente, caso contrário, não acontecia interação pela fala. Por exemplo, você não tem como falar comigo daí de onde está. O som de sua voz se dissipa numa curta distância e não consegue chegar ao destino.

Vivenciando esta dificuldade de comunicação, relativa à permanência da fala na memória e da impossibilidade de comunicar de longe, o homem precisou inventar outras formas de comunicar que pudessem vencer distâncias e tempos, além de facilitar o uso da memória.

Pouco mais adiante, ainda na pré-história, entre 35 e 15 mil anos a.C. , quando o homem já estava na posse de diversos instrumentos inventados, pode desenvolver sua motricidade, começou a registrar a vida e o mundo usando pedra e osso para desenhar nas paredes das cavernas – é a **arte rupestre**.

A intenção com esses desenhos não é conhecida: se eram usados em rituais sagrados, para expressar a individualidade ou para comunicar. O certo é que, tendo sido fixados, os desenhos até hoje possibilitam aos estudiosos interpretar o modo de viver naquela época. A interpretação, entenda, não é à toa, pois envolve um processo de significação que dá sentido àqueles desenhos, sem os quais jamais seria possível pensar o passado humano. Então, mesmo que os homens das cavernas não tivessem a intenção de comunicar, ao desenhar comunicaram. Emitiram mensagens por meio de signos que continuarão a ser interpretados até que desapareçam. Mas, agora eles já foram registrados e fixados em outros suportes que não mais as paredes das cavernas: estão em papel, em suportes magnéticos e digitais. Será difícil desaparecerem.

De alguma forma, os desenhos fazem parte das primeiras manifestações simbólicas, artísticas e culturais do homem e ajudam a constituir a memória do devir humano. Desenhando, o homem criou um signo para comunicar a distância no tempo, pois os desenhos permanecem independentemente da presença do desenhista (emissor).

Há mais uma coisa interessante para pensar: a permanência desses desenhos nas cavernas parece fazer com que o tempo humano desapareça. Passado e presente se confundem, pois diante dos desenhos como codificação de signos, parece que se está diante daqueles homens que já não estão mais aqui. É a força simbólica do homem. Sem ela não há comunicação.

Se com os desenhos o problema da permanência dos signos no tempo foi resolvido, o mesmo não aconteceu com o pro-



Arte rupestre, pintura rupestre ou ainda gravura rupestre, é o nome que se dá às mais antigas representações pictóricas conhecidas, muitas datadas do período Paleolítico (100.000-10.000 a.C.) gravadas em abrigos ou cavernas, em suas paredes e tetos rochosos, ou também em superfícies rochosas ao ar livre, mas em lugares protegidos, normalmente datando de épocas pré-históricas.



59



Voce pode saber um pouco mais sobre:
Arte Pré-História, Arte Rupestre, Arte Primitiva, acessando o endereço eletrônico: <http://www.mundosites.net/artesplasticas/arterupestre.htm>

blema da propagação no espaço. Para resolver esse problema foram inventadas linguagens sonoras e visuais, fazendo de mídia instrumentos como: tambor, gongo, fumaça. Como sempre, os signos e seus significados são inventados e convenencionados entre os grupos que se comunicam.

Perceba que antes da escrita o homem se comunicava por gestos, sons, fala e desenhos. Os desenhos foram inventados para que alguma mensagem permanecesse no tempo e ajudaram grandemente no desenvolvimento da linguagem escrita. Antes da escrita, então, o homem falou, desenhou, pintou, cantou, dançou, batucou, fez fumaça, etc., comunicou. Desenvolveu a memória e o intelecto junto com os signos.



Forme um grupo com colegas, com alunos da escola, com familiares, com primos, com quem você achar interessante. Dividam-se em dois subgrupos. Cada subgrupo tem de transmitir um recado para o outro. Mas, atenção: ninguém pode falar, desenhar nem escrever até que o outro grupo entenda o recado. Marquem o tempo que levaram na transmissão e prestem atenção nos signos que usaram. Depois, juntem-se todos para conversar. Primeiro, vejam em quanto tempo o recado seria transmitido usando a linguagem oral. Faz diferença? O que é mais simples de fazer para se comunicar: gesticular, rosnar e gritar ou falar?

3.2 A comunicação escrita

Há quem situe a invenção da escrita entre 4 mil e 3 mil anos a.C. Veja só: foram milhares e milhares de anos que se passaram até o homem poder inventar a linguagem oral e a arte rupestre. E dessas invenções até a escrita, passaram-se mais ou menos 30 mil anos. Por outro lado, há quem relacione a invenção da escrita ao modo de viver que fixou o homem em determinados territórios, há cerca de 6,5 mil anos atrás: a agricultura e a domesticação de animais.



Mas o que teria a ver a invenção da escrita com a agricultura? Não é no campo que, hoje em dia, está a maioria das pessoas que não sabem ler nem escrever? Que estranho isso, não?

Nem tanto, pois no momento em que o homem tomou a agricultura como modo de viver e fixou-se em algum território, houve a necessidade de registrar mais cuidadosamente informações concernentes à delimitação de espaços e direito de propriedade, bem como à produção e circulação de mercadorias. Os primeiros documentos escritos são registros contábeis.



Para escrever o homem usou inicialmente pedra, osso, marfim e madeira. Depois usou o barro, o papiro, o pergaminho, até chegar ao papel. E em que consiste a escrita como linguagem?

Não é difícil de saber. A escrita é fundamentalmente uma maneira nova de desenhar. É uma (re)codificação do desenho.

A primeira forma de escrita usada pelo homem foi a pictográfica.

A escrita pictográfica é a organização de desenhos representando os objetos como eles são.

Por exemplo, para escrever vaca, desenhava-se uma vaca. Esses desenhos são signos chamados de **pictogramas**.

A escrita pictográfica, por usar um signo para cada objeto demonstrou ser muito dispendiosa e cansativa. Exigia muito esforço intelectual e braçal devido à grande quantidade de signos. Por isso foi inventada uma outra escrita conhecida como ideográfica. Agora os signos, ao invés de representarem diretamente objetos, representam idéias. São os ideogramas. Por exemplo, entre os indígenas, a imagem do cachimbo representa paz; um pássaro voando representa pressa, velocidade. Exemplos desse tipo de escrita são a escrita chinesa e a escrita japonesa.

Mas ainda assim havia um exagerado número de signos para escrever. Era preciso escrever e ler mais rapidamente. Então se chegou à escrita fonográfica.



Atualmente, o uso do pictograma tem sido muito frequente na sinalização de locais públicos, na infografia, e em várias representações esquemáticas de diversas peças de design gráfico. Embora os pictogramas pareçam ser absolutamente auto-explicativos e universais, em realidade, eles possuem limitações culturais. Em se tratando de pictogramas de banheiro, onde o sexo é diferenciado por uma representação de uma figura feminina usando uma saia, ocorre problemas de identificação por usuários não-ocidentais. Estudos mostraram que homens de culturas em que o uso de saias masculinas é comum, como alguns povos árabes, têm dificuldade em compreender a diferenciação entre sexos em pictogramas ocidentais

A escrita fonográfica usa signos chamados fonogramas ou fonemas, que representam sons.

Você quer saber que sons são esses?

São os sons da fala. A escrita era o desenho da fala. Era o desenho da linguagem oral. Uma (re) codificação da fala. Com a escrita fonográfica não se desenhavam imagens, mas sons por meios de signos convencionados em sílabas, palavras e frases.

Mas esse ainda não é o final da história da escrita. A escrita que mais usamos hoje é a escrita alfabética. E como se chegou a ela?

Pois é, a escrita alfabética foi inventada pelos gregos antigos por volta de 800 anos a.C. Quer dizer, a escrita levou mais ou menos 3 mil anos para chegar a sua forma atual.

Os gregos chegaram à escrita alfabética por simplificação da escrita fonográfica.

O que isso quer dizer?

Quer dizer que os gregos passaram a representar os sons em suas unidades mais simples, traduzidas na escrita por letras. Assim, a linguagem alfabética é a mais simples do ponto de vista dos signos.

O que a escrita pode ter significado no devir humano?

Se você prestou atenção, dos pictogramas até o alfabeto a escrita sofreu um processo de simplificação e de abstração da inteligência humana. Então, pode-se dizer que junto com a

escrita o homem começou a pensar abstratamente. O pensamento abstrato é conceitual, isto é, se faz por conceitos e não mais por imagens.

Além disso, com a escrita foi possível inventar o livro, que é uma das mídias mais usadas e mais importantes para o registro, transmissão e reflexão sociocultural até hoje, como você verá no módulo sobre biblioteca.



A linguagem escrita ampliou a memória humana permitindo que informações fossem registradas e arquivadas para a posteridade e chegassem a outras pessoas, transportadas de um lugar para outro.

Com a escrita, portanto, começa a história propriamente dita, pois a história que conhecemos é a que ficou registrada e fixada nos documentos escritos, conforme a tradição. Além disso, a escrita tem a ver com a fixação do homem em territórios determinados, que foi o começo do processo de urbanização da vida. A vida em aldeias, vilas e cidades.

Mas, não se perca. Durante todo esse período e no período posterior à invenção da escrita, a linguagem oral é a maior responsável pela transmissão de valores culturais, sociais, cognitivos, pelas conversas informais, exposição formal de assuntos (aulas, palestras e outros), narração de histórias (mitos e lendas), do teatro, dos rituais sagrados (missas e festas, por exemplo) que, você verá com mais detalhes no módulo sobre oficinas culturais e que, de alguma maneira, são mídias também.

Procure algum professor ou professora que conheça um pouco de literatura. Pergunte a ele ou a ela qual a origem das lendas que conhecemos escritas nos livros ou convertidas em filmes e novelas. Depois pense no valor do que falamos e contamos para os outros, especialmente para crianças.

3.3 A comunicação e a escrita impressa

A linguagem oral (fala) foi e continua sendo o modo de se comunicar mais presente na vida humana.

Contudo, depois da invenção da tipografia por **Gutenberg**, na Alemanha, século XV da era cristã, a escrita pode ser disseminada e passou a valer como linguagem da sociedade.

A tipografia é uma técnica que permite reproduzir muitas vezes um texto escrito, usando uma prensa e modelos de letras feitas em metal (tipos móveis, daí tipografia – escrita em tipos), organizadas em uma bandeja na forma de palavras e frases. Essa invenção teve um efeito enorme no devir humano, pois a partir dela os documentos escritos puderam ser mais facilmente reproduzidos e acessados.



A Bíblia, é o livro mais lido, mais pesquisado e mais publicado em toda história da humanidade, boa parte das línguas e dialetos existentes já foram alcançados por suas traduções. Por sua inegável influência no mundo ocidental, cada grupo religioso oferece a sua interpretação, muitas vezes, sem a utilização da Hermenêutica.



Johannes Gutenberg (1390-1468), inventor alemão que ficou famoso por transformar uma prensa de uvas em prensa gráfica, inventando a tipografia.



Você imagina que antes da tipografia os documentos escritos, para serem reproduzidos, tinham de ser copiados à mão? E você sabia que havia pessoas especializadas nisso? Eram os amanuenses. Imaginem o trabalho que dava e quantos erros não se cometia nesse processo?



Filmes

O nome da rosa, 1986, ALE/FRA/ITA, direção de Jean Jacques Annaud – pense sobre reprodução e arquivamento dos livros em plena Idade Média. Cinema Paradiso, 1988, ITA, direção de Giuseppe Tornatore – pense sobre o cinema quando aparece no meio social.

Músicas

*Parabolicamará, de Gilberto Gil
Pela Internet, de Gilberto Gil*

Enfim, com a tipografia a reprodução de documentos escritos se tornou mais fácil, mais rápida e mais eficiente. Com isso, outras mídias puderam ser inventadas, como os periódicos: jornais de circulação diária ou semanal e revistas. Mas por que a necessidade de fazer circular notícias quase que diariamente?

Com certeza não foi por causa da invenção da tipografia. No século XV os europeus tinham um jeito de viver que já não era mais tão rural como era o jeito de viver dos medievais. Por exemplo, na Idade Média, se você não se lembra, o poder político é da Igreja Católica em acordo com a nobreza. Para a igreja somente os iniciados tinham acesso às revelações de Deus contidas na Bíblia. Por isso a escrita e a leitura não eram acessíveis a qualquer um, apenas o clero tinha acesso. E como a igreja se comunicava com seus fiéis? Por meio de rituais e vitrais das igrejas. Nos rituais as revelações eram contadas oralmente. Nos vitrais as revelações eram desenhadas.

Você já sabia disso?

Não! Então, visite uma igreja e preste atenção nos vitrais, nas esculturas e na arquitetura. Relacione com passagens da Bíblia que você conhece. Note que a igreja ensina suas crenças e preceitos aos fiéis por meio da arte também. E na escola em que você trabalha as crianças têm acesso à educação pela arte?

Mas, então, como viviam os europeus no século XV?



Viviam como burgueses, isto é, a vida social se intensificava em cidades (burgos) e se organizava fundamentalmente com base no comércio. Era a chamada sociedade mercantil. Esse modo de viver exigia que informações circulassem mais frequente e rapidamente, pois comerciantes e nobreza precisavam saber o que acontecia nos centros comerciais para decidir sobre suas ações.

Então, o poder privado exigiu e a prensa tipográfica tornou possível a invenção da **imprensa**, isto é, um modo de produzir e fazer circular informações por meio da escrita impressa. No começo, portanto, sustentada diretamente por nobres e burgueses interessados nas informações.

A imprensa é contemporânea do correio, inventado no século XIV. Sua origem está relacionada aos **jornais** manuscritos, que circulavam apenas entre nobres e comerciantes. Esses jornais e outras informações eram transportados por mensageiros profissionais.

Com a instituição do Estado como poder público, no século XVI, a necessidade de um intercâmbio de notícias e informações ficou ainda maior. Quando isso aconteceu, a mídia impressa virou fonte de lucro. Tornou-se mercadoria.

Na medida em que os burgueses e a produção capitalista impuseram-se e alargam as fronteiras das cidades para regiões e nações, o público urbano (os burgueses) começa a ser atingido pelo Estado em sua vida cotidiana, havendo uma tensão entre a sociedade e o poder público em vista dos tributos elevados. A imprensa, que tinha a função de publicar os decretos do poder público, assumiu a função de publicar a opinião privada sobre o Estado, tal como acontece hoje. Essa opinião é supostamente crítica.

Com isso a crítica pública se institucionaliza com base na imprensa. É a publicação de opiniões privadas sobre os assuntos de domínio público. Os críticos, contudo, são os homens cultos que sabem ler e escrever. Com suas publicações na imprensa, eles passam a mediar a vida privada ligada ao poder público. A crítica é entendida como opinião pública.

Pode-se dizer, então, que de um lado a escrita impressa possibilitou:



*O primeiro jornal regular de que se tem notícia foi a **Acta Diurna**, que o imperador Augusto mandava colocar no Fórum Romano no século I de nossa era. A publicação, gravada em tábuas de pedra, havia sido fundada em 59 a.C. por ordem de Júlio César, trazendo a listagem de eventos ordenados pelo Ditador (conceito romano do termo). Na Roma Antiga e no Império Romano, a **Acta Diurna** era afixada nos espaços públicos, e trazia fatos diversos, notícias militares, obituários, crônicas esportivas, entre outros assuntos.*



Editorial é um artigo que expressa a opinião do jornal sobre um assunto determinado, escolhido pelo editor, que é quem dirige a edição (impressão e publicação do jornal).

1) o aumento na produção de documentos escritos como livros e periódicos;

2) a criação e ampliação de bibliotecas;

3) a invenção da imprensa profissional e comercial;

4) a invenção de outros meios de comunicação como os cartazes, anúncios oficiais e panfletos;

5) a alfabetização e o acesso a informações e entretenimento literário que até então não havia, como a publicação de romances nos jornais, por exemplo.

Por outro lado, contudo, percebe-se que a imprensa, ao pretender mediar as relações entre o poder público e a sociedade, delimitou a pauta de informações e debates públicos na sociedade à pauta de quem a financiava: a burguesia.

De qualquer forma, a impressão da escrita ajudou a diminuir o planeta e a aumentar o mundo dos europeus, fazendo as informações circularem com mais agilidade e atingindo maiores distâncias, até mesmo outros continentes.

Isso permite entender porque, no século XVIII, foi preciso criar escolas públicas e porque a linguagem escrita continua sendo central nessa instituição: a linguagem escrita é a linguagem do Estado de Direito burguês.



Leia todos os dias durante uma semana o editorial do jornal que você mais gosta. Pense: as opiniões do jornal em relação aos assuntos abordados são plurais ou o jornal apresenta uma opinião, a dele mesmo? Os assuntos abordados nos editoriais são de interesse privado ou público? Escolha um dos assuntos que você encontrou no jornal e procure saber o que algumas pessoas pensam sobre ele: professores, alunos, familiares, amigos. Depois, compare a opinião dessas pessoas com a do jornal e reflita sobre as relações entre elas.

3.4 A comunicação audiovisual

Você já sabe, desde o Módulo 2 - Educadores e educandos: tempos históricos - como funciona o mundo capitalista, não sabe?

Vou lembrar-lhe de alguns aspectos. O mundo capitalista funciona centrado no lucro. O lucro aumenta quanto mais produção existir com custos baixos: quanto menor for o capital financeiro investido e quanto mais trabalho for empregado na produção. O trabalho pode ser humano ou não. O trabalho humano, supostamente, exige maior investimento de capital financeiro. Assim sendo, os capitalistas investem no trabalho intelectual (pesquisa científica e tecnológica) capaz de inventar formas de trabalho não-humano (como robôs e máquinas, por exemplo). Essa decisão foi chave para o desenvolvimento tecnológico a partir do século XIX.

Além disso, as relações entre nações e a eminência de guerras que ocorreram na primeira metade do século XX também foram motivo para o desenvolvimento tecnológico. Há aí as duas grandes fontes de investimento em pesquisa científica e tecnológica no mundo: a indústria e o Estado bélico.

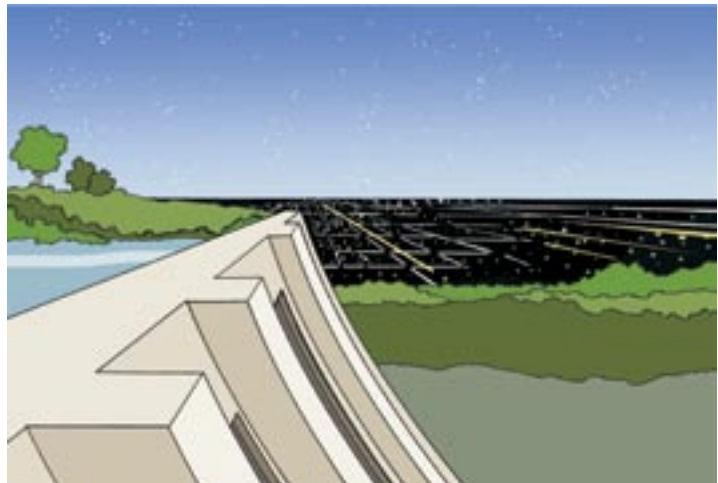
Mas em que tipo de pesquisa se investiu?

Principalmente na pesquisa energética, isto é, na descoberta e invenção de fontes de energia. A busca de fontes de energia levou à transformação de energia mecânica em energia elétrica, como fazem hoje as conhecidas hidrelétricas, que transformam a energia mecânica (de quedas d'águas, por exemplo) em eletricidade.

Imagino que você deve se perguntar, "o que tem a ver essa história de pesquisa e energia com comunicação?"

Eu respondo: tem muito a ver, pois a pesquisa sobre energia possibilitou o desenvolvimento de tecnologias e a produção de equipamentos como: a televisão, o rádio, as impressoras rotativas e outros, importantíssimos na comunicação.

Você está entendendo? A energia elétrica é fundamental para o modo como as informações são produzidas e transmitidas na sociedade contemporânea.





O fonógrafo foi inventado em 1877, por Thomas Edison. O aparelho consistia em um cilindro coberto com papel de alumínio. Uma ponta aguda era pressionado contra o cilindro. Conectados à ponta, ficavam um diafragma (um disco fino em um receptor onde as vibrações eram convertidas de sinais eletrônicos para sinais acústicos ou vice versa) e um grande bocal. O cilindro era girado manualmente conforme o operador ia falando no bocal (ou chifre). A voz fazia o diafragma vibrar. Conforme isso acontecia, a ponta aguda cortava uma linha no papel de alumínio. Quando a gravação estava completa, a ponta era substituída por uma agulha; a máquina desta vez produzia as palavras quando o cilindro era girado mais uma vez.

Por isso, chamo a sua atenção para o contexto histórico desses dois últimos séculos. Em um período de 150 anos, grandes descobertas e invenções marcaram o devir humano. A principal descoberta foi a eletricidade: como produzi-la e usá-la. Entre as invenções relacionadas a essa descoberta, e que interessam aqui, estão: o telégrafo, o telefone, o fonógrafo, a fotografia, o cinema, o rádio e a televisão.

Note que entre os seis equipamentos citados três iniciam-se com o prefixo *tele*, que é uma palavra de origem grega cujo significado literal é “a distância”, “de longe”. Assim, telégrafo é um aparelho que transmite e possibilita a leitura de sinais gráficos a distância; telefone é um aparelho que transmite e possibilita a escuta de fonemas a distância e televisão é um aparelho que transmite e possibilita a visão de imagens a distância.

Com esses equipamentos, o papel deixou de ser o suporte privilegiado para transportar informações de um lugar para o outro com segurança e a escrita perdeu seu peso comunicativo, pois com os aparelhos de telecomunicação as informações passaram a circular muito mais rapidamente, permitindo também a circulação de imagens e sons. As imagens chegam a nossas casas em segundos. Por exemplo, a imagem de um bombardeio no Iraque, de uma tsunami na Indonésia, de um gol do Brasil na Copa e da aprovação de uma lei importante no Congresso Nacional podem ser vistas instantaneamente nas nossas casas e no mundo inteiro.

E isso não é tudo, pois as imagens podem ser gravadas e armazenadas em suportes magnéticos e digitais (fitas cassete, fitas de vídeo, CDs, disquetes) para que vejamos todas em telejornal ou escutemos em um rádio jornal ou leiamos em um jornal impresso. Recebemos as mesmas informações por diversas mídias e linguagens ao mesmo tempo.

Note que a escrita deixa de ser um privilégio na comunicação. Agora as pessoas que não sabem ler nem escrever passam a ter acesso a informações pela fala e pela imagem. São as chamadas mídias audiovisuais que chegam ao mundo e, pela sua potencialidade comunicativa, também são chamadas de meios de comunicação de massa.

Com elas a comunicação fica muito mais presente, intensa e dinâmica na sociedade, o que pode significar, ao mesmo tempo, democratização e descentralização de um lado e massificação e controle da informação, de outro.

Por que massificação e controle? É a pergunta que você está se fazendo, imagino eu, embora não seja um adivinho.

Para responder a pergunta, vou convidá-lo a voltar ao capitalismo. Você deve ter percebido que para ter lucro não basta apenas produzir. Isso é óbvio! Para ter lucro é preciso vender o que se produz. Agora me diga: como vender sem que os outros fiquem sabendo que algo está à venda? Você compraria alguma coisa que não sabe que existe? É preciso anunciar e oferecer para vender, certo?

Então, as mídias de massa transmitem todo tipo de informação de interesse público e até anúncios comerciais, de interesse privado: alguém precisa comprar, alguém quer vender. Empresas produzem essas informações. A produção de informações tem custos e de alguma maneira esses custos têm de ser cobertos. Então, as empresas de comunicação (jornalísticas, televisivas, radiofônicas, etc.) precisam financiar o que produzem: informações.



Como elas fazem isso?

Comercializando as informações e os programas que produzem. As empresas de comunicação vendem espaços comerciais em seus programas, não somente noticiários, mas entretenimento e diversão, como telenovelas, filmes, programas de auditório, desenhos animados, programas musicais, jogos de futebol, apresentações musicais, etc. Enfim, há uma variedade de programas que difundem outras informações como valores culturais, princípios éticos e políticos, conhecimentos, etc. As mídias de massa são verdadeiros espaços culturais e educativos, apesar de comerciais.

Você não entendeu o que são os espaços comerciais?

São os espaços nos programas de TV e rádio e nas páginas de jornal que empresas, Estado, partidos políticos, sindic-

tos, movimentos sociais e até mesmo pessoas compram para divulgar seus produtos, seus serviços, suas políticas, suas idéias, suas reivindicações e sua imagem.

Por tudo isso, as mídias de massa são consideradas o Quarto Poder. Sim, porque todas as informações que influenciam as relações sociais passam por elas.

Esse poder não vem apenas porque produzem (manipulam?) as informações, mas porque as mídias invadiram todos os espaços sociais (até mesmo a nossa casa), mostrando tudo a todos. Isso tem efeitos e influências no pensamento, no conhecimento e no comportamento das pessoas.



Considerando que as mídias são espaços culturais e educativos e, ao mesmo tempo, são empresas privadas que dependem da venda de seus produtos para se manterem, você suspeitaria que as informações que recebe delas podem ser influenciadas pela forma de divulgação (imagens, sons, efeitos) e pelo interesse de quem as financia (compra espaços comerciais)? Escreva por que motivos você suspeitaria ou não suspeitaria disso.

3.5 A era da informação

Você percebeu na seção anterior que as tecnologias criadas com base nos conhecimentos científicos sobre produção e uso de energia possibilitaram chegar a múltiplos equipamentos (máquina fotográfica, filmadora, projetor, televisão, rádio, telefone e outros) que usam ao mesmo tempo múltiplas linguagens (audiovisual), além de possibilitar que informações cheguem ao mesmo tempo a multidões de pessoas.

Você deve ter notado, também, a velocidade das transformações na comunicação e no devir humano, com base nessas tecnologias. Milhares de anos foram precisos até chegar a escrita impressa e, em cerca de duzentos anos, um verdadeiro *boom* de tecnologia baseada na eletricidade permitiu a comunicação a distância e instantânea, fazendo do planeta um úni-

co mundo. Trata-se da sociedade globalizada.

Globalizada por necessidade econômica e política: porque há mercados internacionais em disputa pelas diferentes nações. A fim de se tornarem mais fortes as nações se organizam em redes e formam mercados comuns (**Mercosul**, por exemplo). As empresas transnacionalizam-se: passam a produzir em diferentes nações, onde puderem diminuir os custos de produção, especialmente pela exploração de mão-de-obra. Enfim, o mundo, a economia, a política, o conhecimento e a cultura estão entrelaçados em redes e para que essas possam se desenvolver têm de ter um fluxo permanente de informação mundial.

Nessas condições de globalização e necessidade de fluxos de informações permanente, as chamadas telecomunicações foram privatizadas em quase todos os países e passaram a ser controladas e geridas pelo mercado. Por interesses comerciais privados.

Você já ouviu falar ou leu algo sobre isso? Sim, especialmente nos Módulos 5 - Educação, sociedade e trabalho - não foi? Então volte lá para lembrar alguma coisa que tenha esquecido, caso seja necessário. Algumas idéias daquele módulo serão citadas agora, relacionadas às chamadas tecnologias da informação.

O que são as tecnologias da informação?

São produzidas a partir dos conhecimentos de microeletrônica, informática e cibernética com os quais os elementos físicos da comunicação podem ser recodificados digitalmente, armazenados em equipamentos como computadores e transmitidos via satélite, cabos de fibra ótica e distribuídos por meio das mídias e da internet.

O vínculo entre meios de comunicação e processamento de dados (recodificação) com a informática é o que permite o fluxo permanente de informações com a criação de bancos de dados digitais disponíveis nos computadores.

São os conhecimentos e as tecnologias mais recentes criadas para produzir, armazenar e transmitir dados e informações a distância, pelos sinais eletromagnéticos, que mudam linguagens, modos de pensar e usar o intelecto e a comunicação no devir humano.



O Mercosul (em português: Mercado Comum do Sul, castelhano: Mercado Común del Sur, Mercosur) é o programa de integração econômica de cinco países da América do Sul. Em sua formação original o bloco era composto por quatro países: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, entretando, em julho de 2006 a Venezuela aderiu ao bloco. O bloco também é chamado de Cone Sul porque sua formação original abrangia as nações do sul do continente, formando um cone.



Saiba mais sobre Mercosul, acessando a página da web: <http://www.mre.gov.br>



*Bem simplificada-
mente o hipertexto pode ser
entendido como um texto
que é uma rede de textos
construídos em diferentes
linguagens. Essa rede se
forma quando diferentes
signos (palavras, sons,
gráficos, desenhos) fazem
parte de textos diferentes.*

Se você não teve nenhuma experiência direta com o computador, com certeza já pode ver o que se é capaz de fazer com ele na abertura de alguma novela ou de algum programa de televisão, não é? Aquelas imagens torcidas, aqueles efeitos fantásticos são produzidos no e pelo computador. Você clica o *mouse* ou tecla uma tecla usando um programa específico e pronto: em segundos você tem o resultado produzido pela máquina.

O computador, esse equipamento multimídia. Essa máquina que acopla diversas outras máquinas onde todas as linguagens se encontram, se tocam, se transformam e transformam o mundo humano num **hipertexto**, num mundo virtual, uma nova linguagem.

Além disso, o computador, ligado em redes, tem uma enorme capacidade de armazenar informações. Assim, de um computador é possível acessar outros que guardam informações de que alguém precisa. Navegando na internet, então, você pode alcançar quase todas as informações que já estão digitalizadas e disponíveis para uso. Não é preciso esperar um horário e dia determinado para ter acesso à informação, como acontece nos jornais de televisão. Você acessa o que quiser na hora que quiser.

Essas duas situações, de criar novas linguagens e de armazenar informações, junto com a interatividade (no computador o destinatário de mensagens tem condições de intervir diretamente nelas) afetam fortemente as outras linguagens que continuam sendo usadas (oral, escrita, imagens e desenhos) e, de alguma forma, modifica o “jeitão” de pensar das pessoas. Essa maquininha tem sido responsável pela desterritorialização e desmaterialização do mundo. No computador você encontra bibliotecas, universidades, escolas, campos de futebol, planetas e muitas outras coisas. Você encontra uma realidade ou múltiplas realidades virtuais.

Você acha que a desmaterialização do mundo feita pelas máquinas afeta o pensamento e modo de ver a realidade? Ou você acha que o ser humano pode tranquilamente conviver com diversas realidades? Você vê diferenças entre o jeito de pensar das crianças de hoje em relação a você quando era criança? A que você atribuiria essas diferenças?

REFLEXÃO



Com essa aproximação rápida das transformações da comunicação pela complexificação das tecnologias e simplicização de linguagens, que será retomada eventualmente nos outros módulos, espero que você tenha podido notar o seguinte:

A) em tempos mais remotos as transformações no devir humano e na comunicação ocorreram muito mais lentamente. Ao contrário, nos dois últimos séculos a comunicação e as mídias passaram a se transformar rapidamente e se tornaram centrais na sociedade e na educação. Isso se deve tanto ao uso de tecnologias quanto às habilidades mentais do homem, intimamente relacionadas.

B) Embora cada período histórico possa ser caracterizado por certas linguagens e mídias, elas não deixaram de existir nem foram superadas por outras nos períodos seguintes. As linguagens e as mídias são incorporadas, adaptadas e transformadas pelas novas condições (tecnologias) que o homem cria no seu devir.

C) À medida que o mundo se amplia, a comunicação torna-se cada vez mais presente e necessária e as mídias, quanto mais se complexificaram (energia, equipamentos, etc.), mais simples e abstratas tornaram as linguagens, diminuindo as distâncias espaciais e temporais: tornando cada vez mais acessíveis informações de lugares e tempos distantes, até criar um mundo único e múltiplo desterritorializado.

D) Por fim, a digitalização dos signos e linguagens (recodificação binária digital) e as redes de computadores aumentaram em muito a capacidade de registrar, armazenar e disponibilizar instantaneamente informações, o que significa um aumento da memória artificial do homem, que pode liberar o intelecto para outras possibilidades de pensar, de aprender e de (re) criar o mundo. Mas sobre isso, pouco se pode dizer agora.



A questão fundamental desta unidade foi tentar entender como no devir humano o homem conseguiu romper distâncias e acelerar o tempo. Como o mundo humano foi globalizado e o globo (Terra) diminuiu. Você conseguiu perceber isso no texto? Não é possível dar um pulo ali no Japão, mas é possível dar um clique ali na China. Então, organize na escola um painel (mural) em que os alunos possam perceber como as transformações nas linguagens e nas mídias contribuíram para isso. Você pode fazer o painel com colegas do curso ou com colegas da escola, com os professores, incluindo-o como meio didático em um projeto pedagógico. Use todas as linguagens que puder, como num hipertexto. Depois, curta os alunos aprendendo e não se esqueça de observar e relatar todo o processo comunicativo.

4

**Relações entre
comunicação,
mídia e sociedade**



Comunicação midiática é aquela que se realiza por meio da e com a mídia.

Na primeira unidade você estudou a comunicação na busca de um conceito que pudesse ajudá-la a percebê-la no mundo. Na segunda, você estudou com um pouco mais de detalhes como funciona a comunicação como processo de significação semiótico a partir de dois de seus elementos fundamentais: a linguagem e a mídia. Já na unidade 3, você viu como a comunicação esteve presente no devir humano por meio de um rápido relato que a situa nos contextos históricos.

Nas duas primeiras unidades, portanto, o estudo foi direcionado para aspectos internos do processo de comunicação. Na terceira unidade, analisou-se a comunicação como elemento de processos mais abrangentes e gerais na construção do mundo humano.

Esta unidade vai ajudá-lo a pensar o processo de comunicação em suas relações com a sociedade e com as pessoas. Agora você pensará a influência da comunicação nas relações sociais e no pensamento das pessoas.

Convido a olhar a **comunicação midiática** a partir de estudos psicológicos e sociológicos. Pode ser estudos psicossociais ou sociopsicológicos, tanto faz. O importante é que você possa pensar a mídia como sistema de comunicação. Ou se preferir, convido-o a pensar, com base em teorias sociopsicológicas, como a mídia influencia nossas vidas e as relações que temos com outras pessoas em ambientes informais e em ambientes formais.

Você leu no Módulo 4 - Relações interpessoais - que na psicologia se estuda a mente, o psiquismo, o comportamento, as faculdades mentais, as experiências internas dos indivíduos. Viu também que com ela são estudadas as transformações no comportamento, no pensamento e no funcionamento da mente com base nos processos de interação social. Isso vai interessar aqui, pois agora você irá problematizar a mídia como processo de interação social que afeta o psiquismo e o comportamento dos indivíduos.

Por essa mesma razão, interessa lembrar o Módulo 5 - Educação, sociedade e trabalho - em que você deve ter aprendido que na sociologia se estuda genericamente a vida social, analisando os acontecimentos que ocorrem nas sociedades como, por exemplo, a comunicação de massa e seus desdobramentos. Você deve ter aprendido também que na sociologia se estuda, além dos acontecimentos, as instituições sociais e sua atuação na sociedade, como é o caso da mídia.

Outra coisa importante estudada no Módulo 5 - Educação, sociedade e trabalho - diz respeito às diferentes perspectivas para o estudo dos acontecimentos, das instituições e das relações sociais: de um lado a perspectiva do funcionalismo em que os interesses principais estão na promoção e conservação do equilíbrio nas relações sociais com base na eficácia das instituições; de outro, a perspectiva dialética em que os interesses fundamentais estão voltados à comunicação crítica dos acontecimentos e instituições para transformar as relações sociais em relações mais justas e livres da exploração do homem pelo homem.

Juntarei a essas duas perspectivas sociológicas a do interacionismo simbólico, que estuda a vida social com base na idéia de que a linguagem é elemento estratégico tanto na crítica como na conservação das relações sociais e, portanto, é preciso compreender como as interações por meio da linguagem são produzidas. Aqui, especialmente as interações sociais produzidas pela mídia.

Além disso, tentarei situá-lo nas recentes reflexões e estudos sobre o significado das interações sociais produzidas pelas redes de computadores. De que forma elas afetam o comportamento dos indivíduos e a vida social.

Que fique bem claro para você! Essas perspectivas não são as únicas e não dão conta de tudo o que se pode pensar e pesquisar sobre mídia e sociedade. Contudo, elas podem ajudar bastante a entender esse polêmico tema, essencial para a educação contemporânea. Sendo perspectivas, elas mostram posições diferentes sobre o papel social da mídia.

Assim fica como objetivo para esta unidade: refletir sobre o sentido e o valor da mídia na construção, conservação e transformação das relações sociais e sobre as crenças, sentimentos e comportamento dos indivíduos.



4.1 Mídia e equilíbrio social

Quando você estudou a teoria funcionalista, notou que ela parte de uma “visão positiva da sociedade”. Essa visão posi-



A cura da sociedade refere-se à reforma das instituições, criação de nova legislação, controle mais flexível ou mais rígido, alteração nos direitos entre muitas outras coisas.

va da sociedade significa tomar a realidade social atual como decorrência natural e necessária do processo histórico e acreditar que esse processo é como o processo de desenvolvimento de um organismo.

Um organismo é um ser vivo que só se mantém vivo se houver equilíbrio entre as partes que o constituem e se todas as partes estiverem funcionando bem. Uma parte funcionando bem significa que está cumprindo eficaz e eficientemente sua função. Assim, por exemplo, se no corpo humano um órgão qualquer (fígado, coração, intestino, rim, cérebro) não cumpre bem sua função, o corpo fica doente.

Esse é o ponto de partida do funcionalismo: a sociedade é um organismo e se desenvolve como tal. Se no seu desenvolvimento um órgão não estiver cumprindo bem sua função, a sociedade fica doente. Então **é preciso curar** esse órgão para que ele retome sua função e a sociedade volte ao equilíbrio.

Com base nisso, os estudos funcionalistas da sociedade sempre procuram saber se os órgãos sociais cumprem bem suas funções e como podem cumprir melhor. Para o funcionalismo, a mídia constitui um órgão da sociedade que cumpre funções específicas para conservar o equilíbrio e manter o desenvolvimento e a vida da sociedade sadia. Por isso se diz que as teorias funcionalistas são teorias conservadoras das relações sociais.

Você que está sempre se perguntando, deve querer saber quais seriam as funções sociais da mídia, segundo a visão funcionalista, não!?

É isso aí! Vou logo dizer.

Segundo **estudiosos** que contribuíram enormemente na construção das teorias funcionalistas da comunicação, à mídia são atribuídas as seguintes funções:

1. **Vigiar:** função pela qual a mídia informa e mantém a sociedade alerta sobre possíveis situações críticas. Como exemplo você pode tomar as notícias diárias sobre bolsa de valores, cotação do dólar, acontecimentos políticos e muitos outros assuntos que são acompanhados de perto.
2. **Integrar:** função pela qual a mídia estabelece relações entre as partes da sociedade com vistas a produzir determinadas respostas ao meio social. Por exemplo, campanha para que o cidadão não deixe de votar nas eleições.
3. **Transmitir a herança cultural:** função pela qual a mídia



Como é o caso de estudiosos como: Lasswell (1902-1978), Lazarsfeld (1901-1976) e Merton (1910-2003)

educa a sociedade discutindo e divulgando, explícita ou implicitamente, valores, conhecimentos e crenças. Como exemplo você pode tomar um programa educativo como *Castelo Rá-Tim-Bum* ou uma novela de televisão.

4. **Entreter e divertir:** função pela qual a mídia oferece situações de lazer tais como palavras cruzadas e tiras nos jornais, futebol no rádio e na televisão, filmes, programas de música, humorísticos, novelas e muitos outros.
5. **Atribuir *status*:** função pela qual a mídia contribui para manter estável a hierarquia social. Por exemplo, um anúncio comercial (propaganda) onde quem anuncia é um cientista, um professor, um grande ator ou um grande atleta. Isso faz que a audiência reconheça a superioridade do anunciante e aceite a sua sugestão.
6. **Normatizar:** função pela qual a mídia executa normas sociais. Por exemplo, quem em contato com a mídia não tem vontade de comprar e consumir os produtos anunciados nas propagandas? A mídia faz dos indivíduos consumidores. Comprar e consumir são normas no modelo de sociedade capitalista e o seu cumprimento é uma necessidade para manter o equilíbrio social.

Além dessas funções afirmativas, Lazarsfeld e Merton atribuem à mídia uma função negativa ou disfunção que é a de narcotizar as pessoas. Isso significa que a mídia imobiliza, embebeda, tonteia, adormece, acomoda as pessoas em relação à realidade social.

Nos exemplos que citei se percebe quais são os produtos midiáticos usados para cumprir essas funções, mas você poderia perguntar: como é que a mídia acerta no cumprimento de suas funções?

Acerta com base em pesquisas psicossociais realizadas para medir a eficácia e a eficiência de seus programas. Pesquisas que investigam os efeitos da mídia na sociedade e que, normalmente, são encomendadas por governos, por empresas, por instituições e pela própria mídia. Enfim, por quem controla a sociedade e precisa da mídia para manter o controle. Com base nessas pesquisas que recolhem as expectativas, gostos, esperanças e visão geral da sociedade e de grupos sociais é que a mídia decide que assuntos serão tratados, com que linguagem (ns), a que horas e a quem serão dirigidos. Note que a mídia faz isso até mesmo em relação às notícias que divulga.

Essas pesquisas têm como pressuposto que a mídia e os processos de comunicação por ela comandados são capazes de



O Behaviorismo ou teoria comportamental ou ainda comportamentalismo, é um ramo da psicologia que estuda o comportamento. A palavra inglesa behaviour (RU) ou behavior (EUA) significa comportamento, conduta. De acordo com o pensamento comportamentalista, a conduta dos indivíduos é observável, mensurável e controlável semelhante aos fatos e eventos nas ciências naturais e nas exatas.

controlar, estimular e reforçar comportamentos padronizados e repetitivos dos indivíduos no sistema social. Como exemplo, você pode tomar o que já apresentei na função normatizadora.

A padronização de comportamentos a partir da mídia pode ser interpretada com base no circuito clássico da comunicação: a mídia emite mensagens que a população recebe e às quais reage mesmo sem ter interpretado. Os indivíduos assumem os papéis sociais que lhes são atribuídos nas mensagens veiculadas pela mídia: consumidor, contribuinte, espectador, etc. Com isso, identidades são criadas e pelo estímulo e reforço da mídia são conservadas. Sobre isso, você pode pesquisar no Módulo 4 - Relações interpessoais - o que foi escrito sobre comportamentalismo ou behaviorismo.

Assim, a mídia se tornou imprescindível para a sociedade. Caso ela deixe de funcionar ou não consiga cumprir bem suas funções, a sociedade entra em crise e corre o risco de morrer. Mas sempre os conhecimentos baseados na perspectiva funcionalista e comportamentalista (pesquisas de opinião, de comportamento e de efeitos) estarão sendo construídos para que a eficiência e a eficácia da mídia e das instituições sejam conservadas e o equilíbrio social seja mantido.

80



O que você pensa sobre essa última afirmação: de que a mídia é imprescindível para a sociedade? Você concorda? O que o leva a pensar assim? Sobre a escola, você pensa o mesmo? A escola é imprescindível na sociedade? E a mídia, é imprescindível para a escola?



Leia um jornal da capa até a última página, ou acompanhe a programação de um dia inteiro em um canal de televisão ou em uma emissora de rádio. Ou experimente as três situações. Liste as seções do jornal e-ou os programas da TV e do rádio e tente fazer uma tabela relacionando-os com aquelas funções da mídia acima citadas. Depois, se possível, converse e compare com as tabelas de seus colegas de curso.

4.2 Mídia e indústria cultural

Quando você estudou a perspectiva dialética no Módulo 5 - Educação, sociedade e trabalho - conheceu a tendência estruturalista de Althusser e a crítica de Gramsci, não foi? Aqui apresentarei uma outra tendência, conhecida como **Teoria Crítica da Sociedade ou Escola de Frankfurt**.

Você quer saber por que essa tendência dialética é chamada Teoria Crítica da Sociedade?

Porque os autores envolvidos com ela buscam conhecimentos críticos, isto é, conhecimentos que ao mesmo tempo possibilitem compreender (conhecer) e transformar (agir) as relações sociais. Buscam conhecimentos que possam contribuir na construção de uma sociedade de indivíduos livres e emancipados. Buscam conhecimentos com os quais os indivíduos possam decidir sobre o que é melhor para cada um e para a sociedade.

Na Teoria Crítica da Sociedade, portanto, os teóricos reconhecem que o modelo de sociedade capitalista não possibilita a emancipação dos indivíduos, como explicitado na seção anterior. Dentre as diversas análises feitas para compreender como o poder e o controle se colocam e são exercidos nas relações sociais, os teóricos críticos analisam a mídia.

Como os funcionalistas, eles reconhecem que a mídia cumpre funções positivas na sociedade, como por exemplo, informar e transmitir a herança cultural. Porém, entendem que a principal função da mídia é negativa: a mídia cumpre uma função ideológica ao disseminar na sociedade uma visão fetichizada, mítica e ilusória da realidade social.

Como assim? Você quer saber mais sobre isso?

Olha, ao analisar a mídia, os teóricos críticos perceberam que ela funciona com a mesma dinâmica industrial, que se caracteriza por ações e empreendimentos com os quais se transforma matéria-prima em bens de consumo ou mercadoria. Lembre-se, mercadoria é o que tem valor de troca e, portanto, está à venda.

Mas que tipo de indústria seria a mídia?

Segundo eles, a mídia está ligada à indústria cultural, que transforma conhecimentos, valores e gosto em mercadoria. Os teóricos críticos perceberam que a mídia tem a função de



Vou preferir o nome Teoria Crítica da Sociedade ao nome Escola de Frankfurt porque o primeiro é mais abrangente e mais significativo nesse estudo.



Filmes

Os últimos rebeldes, 1992, EUA, direção de Thomas Carter – pense sobre mídia e ideologia
2 filhos de Francisco, 2005, Brasil, direção de Breno Silveira – pense sobre mídia e indústria cultural
A rede, 1995, EUA, direção de Irwin Winkler – pense sobre computadores e identidade humana

Músicas

Computadores fazem arte, de Chico Science
Kid Vinil, de Zeca Baleiro

produzir e massificar conhecimentos, opiniões, valores e gostos padronizados, com vistas a atender aos interesses econômicos de uma sociedade centrada no mercado. Uma sociedade que transforma tudo em mercadoria.

Assim, a mídia faz a ponte entre todos os segmentos sociais, criando e vendendo a necessidade de consumo por meio da massificação de valores, crenças, idéias, gostos e tudo que constitui a cultura. Essa massificação, você precisa entender, consiste em disseminar informações anônimas na sociedade como se fossem dirigidas a cada indivíduo isoladamente. Com isso, inconscientemente, as pessoas assumem o comportamento padrão produzido pela mídia e a cultura massificada por ela. À medida que assumem o comportamento e cultura da mídia, assumem a ideologia da sociedade de mercado e passam a ver e viver a realidade social como a única possível e válida. Estão sob controle.

A mídia, assim, é ao mesmo tempo positiva e negativa para uma sociedade emancipada.

Ela é positiva porque sem ela as pessoas não teriam acesso a informações e conhecimentos que são produzidos e transformados rapidamente na dinâmica social. Informações e conhecimentos importantes para a vida das pessoas, sem os quais elas não poderiam tomar decisões.

A mídia é negativa, entretanto, por ser um negócio e sobreviver da mercantilização ou comercialização daquilo que produz. A mídia produz cultura e, para poder sobreviver, precisa negociar a sua produção com quem a financia. A mídia, portanto, é controlada pelo mercado e produz cultura como mercadoria.

E porque atinge massivamente as pessoas, ela ganha espaços de produção da cultura que caberiam a interações sociais de pequenos grupos, como a família, a igreja e a escola, por exemplo. Essa positividade e negatividade da mídia constituem a sua contradição.

Você já está se perguntando: como é que a mídia consegue ao mesmo tempo informar, esclarecer e padronizar o comportamento e a cultura das pessoas? De que forma isso é feito?

A mídia consegue isso tratando as pessoas como coisas e

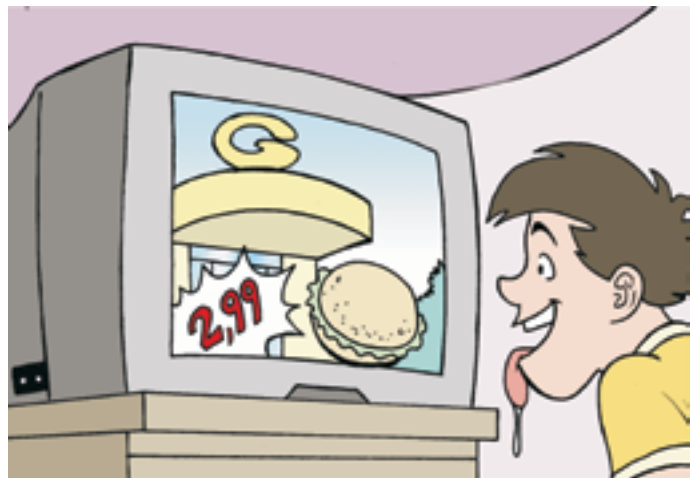
como mercadorias também. Quer dizer, para a mídia as pessoas são consumidores e ela está interessada em vender seus produtos para esses consumidores.

Então, não são os conteúdos de livros, programas de televisão e filmes, por exemplo, que tornam a mídia mais emancipadora ou mais controladora. Mais democrática ou mais totalitária. Mais crítica ou mais ideológica. Quantos seriados interessantes, do ponto de vista político, estético e cognitivo assistimos na televisão? Quanta história aprendemos vendo filmes no cinema?

O caso é que não são as mensagens que a mídia faz circular explicitamente, mas justamente a necessidade que ela tem de vender que a faz ideologizante. Mas ela só consegue vender se as pessoas comprarem e consumirem. Portanto, a mídia precisa estimular não só o comportamento como também a identidade de consumidores nas pessoas.

A **mídia**, como indústria cultural, então, além de produzir informações produz entretenimento, lazer, divertimento, encantamento. Essa produção é que adormece as pessoas, que estão mais interessadas em se entreter e se divertir que em pensar e prestar atenção naquilo que estão experimentando. Condição criada pela própria mídia, pois não oferece as informações e os conhecimentos necessários ao ouvinte, telespectador, leitor para que ele possa julgar aquilo que consome. Portanto, consome pela simples necessidade de comprar e de se divertir, mas não de se informar e pensar. Sim, porque se as pessoas pudessem e soubessem julgar e se posicionar frente ao que consomem na mídia, talvez não consumissem tanto os seus produtos.

Nesse sentido, quaisquer outras funções que a mídia e seus produtos pudessem ter para a emancipação social, como educar, informar, embelezar, criar, ensinar e outras acabam sendo anuladas pela transformação dos produtos em mercadorias a serem consumidas nos momentos de lazer e divertimento.



É bom lembrar que desde o começo do módulo a palavra mídia está significando todos os meios de comunicação social, que envolve as artes, os livros, jornais, revistas, rádio, televisão, cinema, computador, telefone, etc...



Como são os comportamento de seus familiares diante da televisão? Vocês assistem televisão para descansar e se divertir ou para se informar e pensar sobre o que é mostrado nos programas e propagandas? E diante do rádio? Vocês escutam estações que tocam sempre as músicas que vocês mais gostam ou vocês escutam músicas diferentes, com as quais não estão acostumados? E na escola, como fazer para comunicar divertindo e concentrando ao mesmo tempo? Será possível fazer as duas coisas de uma só vez?



Considerando essa noção de que a mídia reproduz a ideologia, acompanhe um programa de sua preferência durante três dias e procure anotar e pensar sobre os valores, as crenças, as verdades que aparecem ali: no jeito de vestir, no jeito de falar, nas imagens, enfim, preste atenção em tudo o que acontece nesse programa e relacione com o que você mesmo pensa e vive.

4.3 Mídia e construção simbólica da realidade social

Nesta seção você entrará em contato com a perspectiva do interacionismo simbólico. Afinal o que quer dizer isso? Nada muito grave. Quer dizer apenas que as relações sociais são construídas pelas interações mediadas pela linguagem. Interações mediadas pela linguagem, neste módulo, têm servido para definir a comunicação, se você está lembrado. Então, com base no interacionismo simbólico você pensará agora de que maneira a mídia contribui para a construção da realidade social, das relações sociais.

Segundo essa perspectiva sociopsicológica, a linguagem tem um papel crítico na conservação do desenvolvimento social, por um lado, e, por outro lado, na modelação das atividades mentais dos indivíduos. Em outras palavras, acreditam os interacionistas que a linguagem influencia na capacidade e no modo de pensar das pessoas e é a base para as relações sociais se estabelecerem.

Com isso dá para definir melhor ainda o que você vai estudar agora: a relação entre mídia e as atividades mentais dos indi-

víduos, problema importantíssimo para quem é educador na escola.

Pois bem, veja quais são as bases da teoria interacionista:

I M P O R T A N T E

A perspectiva interacionista vê a sociedade como um sistema de significados compartilhados pelas pessoas, que criam expectativas de comportamento umas em relação às outras segundo padrões. Por exemplo, na escola há pessoas que se comportam como alunos, outros como funcionários e outros como professores. Como é que esses comportamentos são padronizados? Pela expectativa que um cria no outro por meio de interações mediadas pela linguagem (interações simbólicas): o professor diz para o aluno: você não pode bagunçar, você tem de respeitar os mais velhos, etc. E o professor, por sua vez, se coloca na condição de ser aquele que ensina o aluno a se comportar. De modo que o aluno espera um comportamento padrão do professor e o professor espera um comportamento padrão do aluno.

Na perspectiva interacionista, as significações são convencionadas socialmente e individualmente internalizadas. Quer dizer que ser funcionário tem uma significação criada nas interações comunicativas (pode ser recriado) e as pessoas assumem essa significação no comportamento esperado para atuar na escola. Na família, por exemplo, você não é funcionário(a), mas é pai ou mãe. Seu comportamento é diferente do de funcionário.

Na perspectiva interacionista, as imagens que as pessoas têm umas das outras e de si mesmas são os fatos mais significativos na vida social. Como disse antes, as pessoas criam expectativas de comportamento com base na significação. O não cumprimento da expectativa pode levar a mudança de significados e comportamentos.

Por fim, na perspectiva interacionista, o comportamento não é uma determinação externa, como no funcionalismo e na teoria crítica. Ao contrário, é produto de construções

subjetivas feitas pelos indivíduos acerca de si, dos outros e de exigências sociais situadas. Exemplo: não é a escola que determina, por meio de estímulos ou de encantamento e sedução, o comportamento das pessoas. Elas internalizam significados e agem com base nas relações mediadas pela escola. Quer dizer que ser funcionário de escola pode ter diferentes significados no comportamento de diferentes pessoas, conforme o contexto escolar em que o significado de ser funcionário é construído. Em um ambiente democrático funcionário participa da gestão escolar. Em um ambiente excludente funcionário só obedece às ordens.

O que isso tem a ver com mídia e comunicação?

A mídia, você já está cansado de saber, é central na comunicação social, pois ela é responsável pela criação, transmissão e disseminação de informações, que envolvem notícias, conhecimentos, valores, etc. O que você ainda não teve a oportunidade de pensar, neste módulo, é que a mídia, assim, oferece significações da realidade que as pessoas internalizam (assumem para elas) pela leitura de um texto, ou quando assistem televisão ou quando escutam rádio ou quando vão ao cinema.

Aqui, tanto o conteúdo (informações) quanto o modo (linguagens, códigos) transmitidos pela mídia são importantes, pois os assuntos, as opiniões e as questões que a mídia coloca na sociedade são significados pelas pessoas na interação com ela e delimitam os assuntos a serem discutidos, as opiniões a serem consideradas e as questões a serem pensadas pela sociedade e grupos sociais.

Sim, pois a mídia pode ser a única fonte de informação (e muitas vezes é) sobre a realidade a que as pessoas têm acesso. Assim, se a realidade social é construída na linguagem pelos significados, e a mídia é a única fonte pela qual as pessoas têm acesso a ela (a realidade), é com as informações e significações da mídia que as pessoas construirão imagens, comportamentos e expectativas de comportamento sobre si mesmas e sobre os outros.

Note, por exemplo: o que você pensa sobre a realidade e a verdade da questão da terra no Brasil (reforma agrária, movimentos sociais, proprietários) tem alguma coisa a ver com as informações que você recebe e com as significações que você constrói na interação com a mídia?



Pois é, a realidade criada pela mídia afeta, portanto, a interpretação, a significação que as pessoas fazem do mundo social. Num mundo que se tornou imenso e único para todas as culturas, as pessoas dependem da mídia para obter informações e conhecer a realidade.

Muito do que as pessoas pensam sobre a vida social elas nunca puderam experimentar a não ser por informações da mídia. Quer dizer, as pessoas têm experiências com a mídia, que são suas experiências reais, mesmo sabendo que a mídia produz uma realidade de acordo com interesses e necessidades políticas, culturais, econômicas, etc.

É interessante notar, também, que muitas opiniões das pessoas sobre acontecimentos estão relacionadas com opiniões de especialistas da mídia (comentadores de esportes, de política, de economia, etc.). Esses especialistas são formadores de opinião que, muitas vezes, também só têm acesso à realidade da mídia. Quem não presta atenção no irônico Arnaldo Jabor nos noticiários da Rede Globo? E nas impressões da Hebe Camargo, do Leão ou do Jô Soares nos seus respectivos programas?

Quanto mais problemática a realidade, mais dependentes da mídia as pessoas ficam. Ou seja, quanto mais as pessoas precisam ter informações para formar opinião e se posicionar na sociedade, mais informações da mídia elas precisam e dela ficam cada vez mais dependentes.

Esse poder da mídia está, então, na linguagem e nos significados que ela produz e distribui, condicionando e delimitando as atividades mentais dos indivíduos. A mídia domina e constrói a realidade das pessoas por meio do modo como apresenta as informações de que elas precisam, isto é, codificando-as em

linguagens criadas para isso: edição de imagens, edição de voz, modo de narrar os acontecimentos, importância atribuída a um assunto maior do que a outros, os comentários, etc.

A idéia de condicionamento não é necessariamente negativa, pois condições se referem a limites e possibilidades. Assim, a mídia oferece possibilidades para novas formas de pensar na sociedade. A mídia cria nas pessoas a dependência em relação a ela. Cria a expectativa de cumprimento do seu próprio papel: de informar, entreter, divertir, que seria imprescindível à construção da realidade social.



Você concorda com essa visão do interacionismo simbólico de que na relação com a mídia as pessoas assumem papéis determinados? E mais, você acha mesmo que o comportamento das pessoas tem a ver com os significados e imagens construída nas relações simbólicas (e comunicativas) que elas vivenciam com as outras pessoas e com as instituições? Além disso, você consegue diferenciar a posição passiva dos destinatários, em relação à mídia, que os funcionalistas e os críticos apontam, da posição ativa sugerida pelos interacionistas?

4.4 Mídia e sociedade em rede

Se você pensar a mídia não como emissora e repetidora de mensagens, mas como meio interativo com as pessoas e das pessoas entre si, será que aquelas três teorias anteriores teriam sentido?

Essa é uma pergunta que sociólogos, psicólogos, filósofos, antropólogos e outros estudiosos têm de se fazer com a chegada do computador no cenário social. Contudo, possíveis respostas estão em construção e ninguém sabe no que isso pode dar. Tanto mais porque as transformações que o computador possibilita são tão rápidas que parece ser difícil encaixá-las num modelo de pensamento: **ciência**.

O certo é que velocidade e inovação são as constantes com a chegada do computador.

O computador ainda não é uma mídia de massa, do ponto de vista do acesso (ainda custa caro ter um computador em

casa), mas está muito presente na sociedade: nos bancos, nos supermercados, nas lojas e em muitos outros lugares. Há uma possibilidade, até, das pessoas terem acesso ao computador por meio da escola.

Apesar da dificuldade de acesso direto ao computador, o interessante é que ele tem afetado os outros meios de comunicação, seja na criação estética (veja uma abertura de novela, por exemplo) seja na ampliação das possibilidades de uso simultâneo de linguagens diferentes, seja na velocidade com que a informação circula. Uma velocidade tamanha que parece que as informações estão ao mesmo tempo em todos os lugares. E estão mesmo!



Acontece que os computadores podem se conectar a redes que permanecem 24h por dia sendo alimentadas por informações de todos os cantos do mundo e disponibilizando-as instantaneamente para todos os cantos do planeta.

Por isso as pessoas podem acessar de qualquer computador as informações de que precisam no momento mais adequado. Elas podem escolher as notícias que interessam acessar e comentá-las. Comentário que fica também instantaneamente disponível na rede, o que dinamiza a interpretação e a construção coletiva de significados para as informações.

Essa é uma situação nova para as relações sociais em termos de informação e comunicação. Mas há uma outra situação muito importante que é o efeito que isso pode ter no comportamento das pessoas: o computador conectado em rede possibilita interação das pessoas em um ambiente virtual.

Esse contato via redes virtuais afeta as linguagens: o modo de falar, de escrever, de ouvir e ler e parece que pode ter efeitos no modo de pensar. É um aspecto. Outro aspecto é que os papéis sociais nas redes são flexíveis, versáteis e reversíveis. Pode-se estar ora no papel de leitor, ora no papel de escritor; ora no de ouvinte, ora no de falante. As redes descentralizam o poder e horizontalizam as hierarquias: todos têm direito de fato a criar e alterar tudo o que os outros criam e propõem.

Por exemplo: um livro impresso em papel tornou o texto mais



A Internet é uma rede de redes em escala mundial de milhões de computadores que permite o acesso a informações e todo tipo de transferência de dados. Ao contrário do que normalmente se pensa, Internet não é sinônimo de World Wide Web. Esta é parte daquela, sendo a World Wide Web, que utiliza hipermídia na formação básica, um dos muitos serviços oferecidos na Internet. A Web é um sistema de informação mais recente que emprega a Internet como meio de transmissão.



Acesse:

<http://pt.wikipedia.org>

Página de uma enciclopédia eletrônica livre e gratuita, construída coletivamente por pessoas de todo o mundo, na qual você mesmo pode dar sua contribuição. Visite para saber como funciona e acesse os conteúdos. É uma ótima dica para pesquisas escolares.

leve e manuseável no século XV. Mas isso não mudou as relações entre escritor, editor e leitor. A relação entre as pessoas com o livro não é interativa. É claro que o leitor tem o direito de imaginar coisas com a leitura, mas ele só pode ser leitor. Já no computador, o texto está à disposição do leitor que pode reescrevê-lo. Ele passa a ser leitor-escritor. Além disso, pode mudar o tipo de letra, a diagramação (disposição do texto na tela). Você pode ser um leitor-escritor-editor.

Veja que diferença essa situação pode fazer nas relações sociais: o texto passa a ser construído e reconstruído por diversas mãos. Uma construção coletiva. A pessoa que antes só tinha o direito de ler, agora pode mudar a história que está lendo. Não há papéis rígidos. A mídia ao mesmo tempo condiciona e cria as condições para respostas inesperadas e não padronizadas.

São muitas coisas a serem pensadas a partir dessas novidades e elas têm uma importância fundamental para a educação, como você verá na próxima unidade. Porém, antes de passar adiante, não interessa saber o que são as tais das redes? Redes de computadores, redes de nações, redes de empresas, redes de indivíduos e essas tantas redes que agora são a chave das relações sociais? Interessa?

Que bom!

De um lado a rede é uma obviedade: é uma forma de conexão entre elementos individuais que constituem, por estarem conectados uns aos outros, um só corpo. Um corpo ramificado.

Mas se você for um pouco mais fundo, vai perceber que as redes não se constituem fisicamente. Elas são corpos apenas porque constituem os fluxos estruturados de comunicação que conectam indivíduos entre si. Não é, portanto, uma conexão fechada nem estática, mas uma conexão aberta e flutuante em constante desenvolvimento e expansão.

Esse conceito de rede leva a pensar a comunicação de outro modo. Não mais como fluxo de mão única da mídia para o indivíduo isolado, pois os indivíduos não estão isolados. Eles estão conectados a outros indivíduos e a grupos de modo que a comunicação se faz independentemente da mídia ou com outros usos dela.

Pensando a comunicação em redes, supõe-se uma participação igualitária no fluxo, mas, sobretudo, que as informações, opiniões, valores, críticas, etc. circulam entre grupos por meio de indivíduos que pertencem a mais de um grupo e as levam de um para outro e também por meio de indivíduos que conectam grupos mesmo sem participarem deles, como é o caso do padre, do professor, etc, que não pertencem aos grupos sociais para os quais pregam na missa ou ensinam nas escolas em que trabalham.

Outra mudança que o conceito de rede traz diz respeito à tradução, que consiste em ligar em redes elementos heterogêneos num sistema de interdependência. Nesse sentido, não dá para pensar a comunicação apenas entre seres humanos. As redes incluem elementos da natureza e tecnológicos que também se comunicam. As relações sociais, sobretudo as de comunicação, acontecem em e com as máquinas.

Você acha que o contato das pessoas com o computador, especialmente dos alunos da escola em que trabalha, pode mudar a forma de pensar e de viver deles? Por que isso aconteceria?



Tome uma mídia muito presente na escola para analisar sob o ponto de vista psicossocial: o livro didático. Pode ser de qualquer matéria. Ou, se preferir, pode analisar um dos módulos deste curso técnico de formação dos funcionários da educação. Pode ser este mesmo que você tem nas mãos ou o que você mais gostou até agora.

Analisando a linguagem escrita (forma e conteúdos), os desenhos, as atividades de investigação, os exercícios, enfim, considerando os diversos elementos que constituem o livro, que significado de leitor está pressuposto nele?

Considerando essa visão que o livro tem do leitor, daria para dizer que ele influencia o modo de se relacionar, de educar e de viver dos alunos, dos professores e dos funcionários?



5

**Relações entre
comunicação,
mídia e educação**

Enfim você está chegando à reta final deste módulo. Um módulo difícil porque exigiu muita concentração. Pressupôs conhecimentos dos módulos anteriores. Criou expectativas para os próximos módulos: dispersou.

A leitura deste módulo foi um exercício-desafio, pois aqui a sua leitura foi um exercício teórico-prático. Mas você já sabe que teoria e prática não são separáveis. Ler é uma prática com a qual interpretamos e significamos o mundo e as nossas experiências com materiais simbólicos, como este módulo.

Tal como você viu, este módulo é uma mídia. Mídia escrita. Tudo o que foi problematizado, investigado e pensado a respeito da comunicação, da mídia, da linguagem, do comportamento social e da semiótica você exercitou na leitura.



Espero que tenha percebido isso. Se não percebeu, chamo a sua atenção. Sobretudo para o que foi estudado na unidade 2: comunicar exige interpretação em contextos do uso dos signos e das linguagens (expressar e representar) e em contextos sociais (dialogar). Interpretar é decodificar e (re) codificar no processo de significação.

Assim eu e você podemos ficar bem à vontade: escrevi e você está interpretando o que está escrito junto com ilustrações, imagens, conversas com tutor, colegas de curso e de escola, além de pensar na própria experiência de vida e na vida social.

Contudo, imagino que você esteja sentindo falta de alguma coisa. Até agora quase nada foi dito sobre educação e escola. A não ser em alguns exemplos.

Mesmo que você não tenha colocado a educação e a escola como foco da sua reflexão, a partir do que leu deve ter percebido o quanto a educação e a escola estão envolvidas nas questões da comunicação, da mídia e das tecnologias da informação. Se não percebeu, esta última unidade vai ajudá-lo a fazer isso.

Aqui vou tentar recuperar com você alguns conceitos importantes de cada unidade anterior para investigar as relações entre comunicação, mídia, educação e escola e buscar respostas

mais diretas para o problema geral colocado na introdução: “que diferença faz para a escola ter ou não ter, usar ou não usar mídia nos processos pedagógicos?”.

Esses serão os objetivos nesta unidade, além de introduzir questões para você refletir sobre o sentido de se tornar um profissional técnico em multimeios didáticos. É claro que alguns novos elementos serão acrescentados ao estudo. Você saberá identificá-los.

5.1 A educação na mídia

Considerando o sentido de educação problematizado desde o primeiro módulo do curso, de que a educação é: o processo de transmissão da herança cultural das sociedades; que nesse processo de recepção da cultura as novas gerações interpretam valores, conhecimentos, crenças, comportamentos e condições materiais de vida criando novos sentidos para os que recebem e assim transformam a cultura, não dá para negar que a mídia educa. Sempre educou, independentemente de ser mais ou menos abundante e intensa na vida social.

A mídia educa porque transmite a herança cultural por processos de comunicação. Educa transmitindo informações. A educação, contudo, não é apenas transmissão de informações, sejam conhecimentos ou valores.

Mas será que a mídia só transmite informações?

Pelo que se percebeu ao longo do módulo parece que não, pois ela transmite informações de tal maneira que ao transmitir já transforma o que transmite. A mídia interpreta e significa os bens culturais das sociedades. Por isso ela atrai, seduz, envolve: recodifica a cultura, inventa realidades e produz mundos lúdicos, coloridos, divertidos, narcotizantes, estimulantes. Mundos de sonhos vividos nas mídias e fora delas pelas novas gerações. Gerações educadas sempre com novas mídias, desde o século XX.



Essas expressões variam nos estudos sobre as relações entre mídia e educação e entre educação e comunicação. São expressões que às vezes têm o mesmo significado e outras vezes não, conforme os diferentes enfoques das pesquisas.

Tudo passa pela mídia. Ela amplia a quantidade e a qualidade de informações. Multiplica as possibilidades de acesso às informações. Diversifica os suportes e códigos para armazenar e distribuir informações. Sintetiza passado e futuro no presente. Oferece imagens reais/virtuais. Acelera interações. Incentiva a criação. Antecipa e pluraliza significações.

Isso tudo, guardadas as diferenças e proporções, aconteceu com todas as mídias nos diferentes contextos históricos em que foram inventadas. Foi assim com a fala; com a escrita; com a imprensa; com o cinema; com o rádio; com a televisão e agora com o computador.

Cada uma dessas mídias produziu e continua a produzir efeitos na cultura e no devir humano, como você notou nas unidades 3 e 4, especialmente: memória, raciocínio lógico, pensamento abstrato, imaginação e outras habilidades mentais que o homem desenvolveu e que estão relacionadas com as mídias e com suas linguagens. Mas estão relacionados, também, com a mídia e suas linguagens, a aceitação de certos papéis sociais pelas pessoas, o cumprimento de certas funções e hábitos de comportamento. Não que isso tenha acontecido graças à mídia. Mas mídia, linguagem, pensamento e comportamento não se separam mais no complexo mundo que o homem vem construindo.

O problema que se coloca agora, desde o final dos anos de 1980, sobre a **educação mediática, midiática, mídia-educação, educação pela mídia, educação para a mídia, educomunicação, educação mediatizada ou educação mediada**, diz respeito justamente à presença abundante e intensa da mídia eletrônica na vida social pública e privada, por um lado e, por outro, refere-se ao seu potencial uso pedagógico na escola.

Essa mídia recente é transformada tão rapidamente que é muito difícil reter alguma significação que possa ser transmitida como herança cultural imediata. Quando os estudos sobre a presença dela no mundo começaram a ganhar consistência, novos elementos se colocaram para serem estudados. Novas interações são inventadas e a significação se torna imprevisível e quase que inalcançável. Quase não se pode mais do que viver a significação da mídia instantaneamente.

A cultura da mídia é uma cultura fluida que não se deixa aprender facilmente por que não é fixa. Essa mídia mutante, que é a mídia microeletrônica, ao mesmo tempo em que muda, muda as outras mídias também. Faz tudo mudar porque possibilita, com a interação que promove, a recodificação e mixagem (mistura) das linguagens: da fala, da escrita, do desenho, do som.

Com isso, as linguagens se transformam e transformam a comunicação entre as pessoas. É só perceber o “jeitão” de falar de quem interage com a mídia: falam palavras e frases incompletas e abreviadas, tal como usam em um *chat* no computador; fazem da língua materna uma língua híbrida ao mixar palavras e expressões de outras línguas na fala, especialmente da língua inglesa que é a hegemônica no computador, por exemplo.

Assim, você tem a seguinte situação: as significações convencionais constituem a cultura tradicional a ser transmitida pela educação escolar, enquanto que outras significações não convencionais põem em crise a tradição, até que sejam aceitas e absorvidas por ela ou rejeitadas.

Cada vez que surgem novos elementos no mundo social a tradição “fica com um pé atrás”. São coisas desconhecidas que precisam ser significadas para serem aceitas e absorvidas. Isso não significa que primeiro se chegue a um significado para depois aceitar, mas quer dizer que ao significar se aceita. O envolvimento e a disposição, a busca da significação é um passo da aceitação.

Apesar das dificuldades da tradição em significar a mídia, estão ambas nas casas, nos bancos, nas ruas, nos supermercados, nas lojas, nas igrejas e em quase todos os espaços sociais transmitindo valores culturais para todos. Ambas educando ao mesmo tempo.

Entretanto, a mídia educa com significações não convencionais e gera crise na tradição que tenta significá-la para poder incluí-la nas agências tradicionais de transmissão cultural: as escolas e instituições educativas.

Porém, se você pensar que a significação pode ser construída na interação e na experiência em contextos simbólicos (e sociais) e que as significações podem ser interpretadas infinitamente, como viu na unidade 2, então convém notar que dá para educar com a mídia na escola. A escola como contexto social de reflexão crítica, produção de conhecimentos e de materiais simbólicos concorrentes com os produzidos pela mídia comercial.

A mídia na escola pode ter outro significado. Na escola, os destinatários da mídia poderiam ter condições de passar de passivos receptores da herança midiática comercial a ativos e críticos receptores na interação com a cultura da mídia.



Ao longo do módulo usei a palavra mídia com diferentes significados. Isso talvez possa tornar difícil a sua interpretação do texto. Então, procure identificar e anotar, quantos e quais os significados pelos quais você pode interpretar a palavra mídia, que é palavra-chave na formação do técnico em multimeios didáticos.

5.2 Educação, mídia e escola

Você quer entender melhor o que eu quero dizer quando escrevo que a mídia pode ter outro significado na escola?

Veja:

Antes de qualquer coisa atente aos significados construídos com a palavra **mídia**:



1) sistema de comunicação social cujos produtos ou resultados se tornam públicos pelos meios de comunicação de massa: rádio, jornal, televisão, computador;

2) aparelhos receptores, produtores e reprodutores de informação: TV, rádio, videocassete, computador, aparelho de som, DVD, telefone, celular, etc.;

3) materiais e atividades por meio dos quais representamos, expressamos e comunicamos: jornais, livros, revistas, discos, filmes, cartazes, murais, painéis, CD, livros didáticos, carta, página eletrônica, correio eletrônico, teatro, apresentações artísticas, etc.

A mídia, como sistema de comunicação social, assim como escola, igreja, empresas, Estado, exército, polícia, crime organizado e outros é elemento constituinte do mesmo mundo humano. Escola e mídia, portanto, estão no mundo sob as mesmas condições: educam pela significação que

constroem. Em outras palavras, educam no mundo simbólico que constroem.

Contudo, escola e mídia constroem diferentes significações, portanto, mundos diferentes. A mídia simboliza o mundo por meio de linguagens dinâmicas e plurais; às vezes até espetaculares, cheias de efeitos sonoros e de imagem como no cinema, na televisão e no computador, porém sem que as pessoas possam, efetivamente, viver o mundo que ela cria simbolicamente, senão por imaginação ou virtualmente. Ser baleado em um filme é diferente de ser baleado na vida, por exemplo. Mas a TV mostra a ficção criada para divertir e entreter (filme) na mesma tela em que mostra o registro de imagens de acontecimentos da vida para noticiar (rebelião em um presídio). Parece que tudo é a mesma coisa. As imagens da rebelião divertem e entretêm da mesma maneira que o filme, que informa tanto como o noticiário. Foi o que você leu na unidade 4.



A escola, por outro lado, supostamente significa o mundo tentando compreendê-lo pela apropriação de conhecimentos prontos e da construção de novos conhecimentos, privilegiando a presença das pessoas que se comunicam por linguagem oral e escrita principalmente, apesar de outras linguagens também estarem presentes no processo educativo escolar.

A diferença fundamental, contudo, entre a significação produzida pela mídia e a produzida pela escola está relacionada ao contexto e ao papel social de cada uma: a mídia não tem compromisso com a aprendizagem sistemática, enquanto que a escola tem. Por outro lado, à mídia é atribuído o papel social de informar e divertir, compromisso que não seria o da escola.

A mídia habitua, a escola ensina (muito embora também habitue, o que é um problema que não vou pensar com você). Assim, na escola é possível usar toda mídia (agora entendida

como equipamentos e materiais com os quais se produz significações) de acordo com o contexto e o compromisso que ela tem com a aprendizagem sistemática de conhecimentos já produzidos e com a construção de conhecimentos novos. É possível usar mídia na escola com fins didáticos. Para ensinar e para aprender.

Mas para ensinar o que, você está se perguntando, não é?

Confira:

O sistema de comunicação, como elemento constituinte do mundo humano, pode ser (re) significado na escola, para que as pessoas possam se situar melhor em relação a ele e estabelecer outro tipo de relação que não apenas a de receber passivamente informações. As pessoas, conhecendo como a mídia produz as suas significações, podem interagir criticamente com ela.

Na escola, portanto, pode-se estudar a mídia e aprender como produzir materiais simbólicos com o objetivo de educar, ensinar e aprender. É o compromisso pedagógico da escola que o sistema de comunicação ou mídia comercial não tem: mediar as relações dos indivíduos com o mundo social, para se situar nele a partir de conhecimentos reconhecidos pela tradição cultural.

A mídia na escola, portanto, não serve e não pode servir apenas como meio de comunicação mais eficaz que o livro didático e que a voz dos professores. A mídia na escola, mais que ajudar na comunicação escolar pode e deve ser estudada, conhecida e significada quanto às possibilidades de uso, de criação e produção de materiais informativos e pedagógicos pela e para a escola e a comunidade escolar nos processos educativos.

Além disso, a mídia deve ser estudada na escola como elemento simbólico. Os valores cultural e social da mídia precisam e devem ser conhecidos e criticados nesse processo de (re) significação que a escola faz da mídia.

Pesquise em mais de um dicionário da língua portuguesa ou em algumas enciclopédias os significados possíveis para as palavras, ensino e transmissão. Depois converse com seus colegas e reflita se ensino e transmissão são as mesmas coisas. Se chegar à conclusão que, ensino e transmissão são coisas diferentes, reflita sobre o valor de cada na educação das pessoas. Se não quiser fazer a pesquisa, tente entender por que transmitir a herança cultural é diferente de significar a cultura.



5.3 Mídia, ensino e aprendizagem na escola.

Você fez a reflexão que sugeri, sobre a diferença entre, ensino e transmissão? Descobriu alguma coisa interessante? Não muito?

Vou ajudá-lo, então:

Na unidade 2 do Módulo 4 – Relações interpessoais você estudou as relações entre aprendizagem e desenvolvimento cognitivo do ponto de vista das teorias psicológicas. Viu lá que, para Vygotsky, aprendizagem e desenvolvimento são dois processos distintos. O desenvolvimento é próprio da individualidade, a aprendizagem está relacionada com a interação que estabelecemos com o outro. O outro que ensina na interação.

Que fique claro, então: não há aprendizagem sem ensino nessa teoria; ninguém aprende sozinho, apenas na interação. Na interação com uma (professor, por exemplo) ou com um grupo (classe, por exemplo) de pessoas. Nesse sentido, a aprendizagem e a construção de conhecimento são processos interativos. Processos de interpretação e significação coletiva e cooperativa com os quais as pessoas se desenvolvem. “Com as quais” não significa o mesmo que “por causa das quais”, certo!? O desenvolvimento também está relacionado com a interação social.



Ambos, aprendizagem e desenvolvimento, exigem alguma mediação para que um indivíduo os alcance. Mas se isso é assim mesmo, você pode perguntar: o que uma pessoa aprende com a outra é o que ela sabe ou se pode aprender com o outro coisas que o outro não sabe?

Supondo que aprender tenha o sentido de significar as experiências vividas na interação com o outro, então o que uma pessoa aprende com a outra não é necessariamente o que a outra sabe. Ambas aprendem na interação. Aprendem juntas. E aprendem porque uma ensina à outra o que sabem e constroem juntas coisas novas. Elas constroem conhecimentos na interação. Resignificam o mundo.

Por isso ensinar não é apenas transmitir conhecimentos prontos e valores tradicionais, e aprender não é apenas receber esses conhecimentos e valores. Ensinar e aprender são processos interativos de construção coletiva como o processo comunicativo aberto em que as significações são construídas livremente nas interações – unidades 1 e 2.

Assim, coloco as seguintes perguntas para você pensar: é possível aprender na interação com máquinas e materiais que produzem significação como o computador, a televisão e o livro, por exemplo? Ou não, máquinas e materiais só servem de canal de comunicação entre as pessoas? As pessoas que interagem com a mídia aprendem com ela ou com outras pessoas as informações da mídia? As informações que a mídia transmite ou que as pessoas buscam e encontram na mídia são conhecimentos ou são apenas informações? Existe diferença entre conhecimento e informação?

Essas definições não são fáceis. Há muita gente que estuda e pesquisa sobre essas questões sem que se tenha algum consenso. O certo, contudo, é que as perguntas não se referem apenas à aprendizagem de conhecimentos, como conteúdos a serem transmitidos da máquina ou do material para as pessoas, mas se referem também à aprendizagem e desenvolvimento de relações afetivas, intelectuais, morais e sociais como perceber, sentir, experimentar, representar, refletir, perguntar, expor, interpretar, significar, etc.

Pelo que foi visto nas unidades anteriores a mídia, além de

aumentar a capacidade de armazenamento e distribuição de informações, amplia o potencial cognitivo das pessoas com suas mixagens de linguagens (hipertexto).

Você não entendeu bem o que isso quer dizer?

Quer dizer que na interação com certas mídias (equipamentos e materiais) são exigidos determinados tipos de interação entre as pessoas e delas com as mídias. Na leitura, há exigência de concentração, memorização e raciocínio lógico, por exemplo. É isso que um texto escrito pode ensinar, além dos conteúdos que ele contém.

Já o cinema e a televisão, ao usarem simultaneamente diversas linguagens, exigem além de concentração, memorização e raciocínio, percepção, estabelecimento de relação, tradução de signos de uma linguagem para outra, escuta, entre outras coisas. A tela do computador, então, que possibilita o uso de mais linguagens simultaneamente e o cruzamento de informações exige ainda mais habilidades simultâneas. É o que parece. Neste caso, a aparente dispersão e falta de concentração das pessoas nada mais é do que o modo como interagem com a mídia.

Isso significa que as pessoas que não tiverem essas habilidades e competências não consigam ler um livro, ver um filme ou usar o computador?

Não, claro que não. Na interação com a mídia as pessoas aprendem e desenvolvem habilidades ao mesmo tempo em que se apropriam de conhecimentos prontos e informações, além de aprenderem a usar novas linguagens e resignificarem o mundo.

Na interação com determinada mídia a inteligência parece ficar mais dinâmica, mais veloz e mais criativa que na interação com outras mídias e com as pessoas. Com isso pode-se dizer que uma pessoa sempre aprende alguma coisa em uma interação simbólica seja ela com máquina, televisão ou computador, seja com ma-



terial impresso como livro ou história em quadrinhos, seja com peça de teatro, seja numa conversa com outra pessoa.



Procure comparar duas pessoas de sua escola: uma que tem acesso e interage com mídia variada (jornais, revistas, televisão, computador, cinema, vídeo e outros) e outra que só tem acesso à televisão e ao livro didático, por exemplo. Procure prestar atenção na linguagem, no modo de pensar e agir, na criatividade e no comportamento delas. Pode ser com alunos, professores ou funcionários. Relate por escrito e reflita sobre suas observações e inclua ao memorial.

5.4 Escola, espaços e linguagens do aprender

Com isso que foi dito acima, não é difícil perceber que, assim como as pessoas aprendem na interação com outras pessoas e com máquinas e materiais, elas aprendem também na interação com os espaços. Sim, porque os espaços também são significativos e comunicativos. São elementos simbólicos.

Mas o que há de simbólico nos espaços?

Em primeiro lugar a sua arquitetura. Por exemplo, salas quadradas, fechadas e escuras fazem as pessoas sentirem e significarem os espaços de maneira diferente de espaços abertos, arejados e claros. Espaços mal cuidados e com aparência suja são diferentes de espaços limpos e bem cuidados. A disposição de móveis e objetos nos espaços também é significativa: espaços bem organizados em que se pode circular e encontrar o que se procura com facilidade são diferentes de espaços mal organizados em que ao circular se esbarra nos móveis e quando se procura alguma coisa demora-se tempo demais para encontrar. Espaços em que as pessoas possam interagir são diferentes de espaços em que isso não é possível.

Os exemplos acima, assim como muitos outros, ajudam a ver que os espaços, os objetos (equipamentos, móveis, materiais) e as pessoas constituem ambientes espaciais que possibilitam experiências que são significadas por outras pessoas de modo que elas aprendem alguma coisa nesses espaços.

Os espaços também são signos passíveis de codificação para serem interpretados. Esse é um aspecto importante sobre os

espaços. Outro aspecto importante também é que os espaços não são necessariamente físicos, por exemplo, o computador é capaz de criar espaços virtuais, simulados, como se fossem espaços reais. Mas o teatro também é capaz de fazer isso. E mais, lendo um livro uma pessoa consegue estar em um espaço criado na interação com o texto por meio da imaginação. Coisa que pode ser feita com uma boa contação de história também.

Além desses dois aspectos, contudo, gostaria de chamar sua atenção agora sobre um outro aspecto mais diretamente relacionado com os estudos desse módulo e desse bloco de formação técnica: a relação entre os espaços escolares, as mídias e as linguagens.

Embora isso não seja regra para todas as escolas, nelas encontram-se espaços específicos relacionados com certas mídias e linguagens ou espaços multiuso (como normalmente acabam sendo as salas de aula e as quadras esportivas) onde se articulam diversas mídias e linguagens ao mesmo tempo ou também em períodos diferentes.

O que estou dizendo?

Digo que os espaços escolares foram projetados para realizar certas atividades e acolher certas mídias. Como você viu na unidade 2, por exemplo, a escola tem muito a ver com a escrita impressa. Desse modo, as bibliotecas escolares foram pensadas como espaços de leitura e acesso à escrita. Espaço de pesquisa e complemento às aulas.

Supostamente, cada escola deveria ter um espaço específico para mídias diferentes: biblioteca para livros e periódicos, sala de vídeo para TV e vídeo, anfiteatro para palestras, teatro e apresentações artísticas, sala de música, sala de aula para interações pela fala, laboratório de instrumentos científicos para experimentos, laboratório de línguas para equipamentos de áudio, laboratórios de informática para computadores. Isso tudo você verá nos próximos módulos.

Bem, deveria ser assim se as escolas tivessem todas as mídias de que precisam para criar condições pedagógicas mais intensas e significativas. Contudo, as escolas não se encontram nesta situação.

E daí?



Filmes

Inteligência Artificial, 2001, EUA, direção de Steven Spielberg – pense sobre as possibilidades educativas do homem na relação com a máquina.

O homem bicentenário, 1999, EUA, direção de Chris Columbus – pense nas possibilidades educativas da máquina na relação com o homem

Daí duas possibilidades:

1) tendo computadores, as escolas podem possibilitar vivências virtuais para os alunos, criando os espaços por meio de programas com os quais alunos interagem e simulam as experiências,

2) mas, não tendo computadores, a escola pode simular no seu espaço físico experiências multiespaciais. É possível transformar o mesmo espaço em espaços diferentes conforme a experiência que se quer vivenciar. Sim, pois a escola é atravessada por todas as linguagens, por significações plurais, por vivências virtuais, até mesmo as informações trazidas de fora dela. Mesmo não sendo separada em salas específicas, a escola pode e simula vivências no espaço de que dispõe. Vivências diferentes das vivências das pessoas fora da escola ou em espaços específicos.

Essas vivências simuladas são simbólicas e ajudam as pessoas a interpretar e significarem o mundo e a si mesmas no mundo. Ajudam a significar as relações sociais. O espaço escolar, portanto, não é o espaço dos seus muros ou cercas. O espaço escolar, apesar da escola não contar com a posse de todas as mídias nos processos pedagógicos, conta com o mundo e, portanto, com as mídias fora dela para ensinar e significar a vida das pessoas.

Se você prestar atenção, então, verá na escola os recortes de revista e jornal, o **mimeógrafo**, as aulas faladas e escritas na lousa, o som da campainha avisando o intervalo, a gritaria das crianças, o movimento frenético dos seus corpos, as tatuagens e *piercings*, as gírias e a formalidade na fala, enfim, o espaço e os espaços escolares comunicam e constituem um hipertexto.

A escola é um espaço comunicativo em que todo mundo aprende alguma coisa o tempo todo. Alguma coisa que nem sempre é explicitamente tematizada e, portanto, não chega à reflexão e à interpretação significativa. Alguma coisa que não é tomada nos processos pedagógicos, nas intervenções didáticas, mas que podem passar a ser.

SAIBA MAIS



Mimeógrafo: Equipamento que produz cópias a partir de matriz perfurada, afixada em torno de uma pequena bobina de entintamento interno e acionada por tração manual ou mecânica.



O que você pensa sobre essa idéia de que o espaço escolar não é o espaço dos seus muros? Você entende que a escola deveria ter espaços específicos para atividades e mídias? Que diferença faria para a educação escolar se assim fosse?

Faça um mapa da escola em que você trabalha tentando perceber e criar espaços interessantes para a realização de atividades educativas com base no uso de diferentes mídias e manifestações culturais: teatro, música, televisão, computador, contação de histórias, etc...

PRATIQUE



5.5 Mídia, escola e o técnico em multimeios didáticos

Para concluir, gostaria de lançar algumas palavras mais diretas para sua reflexão sobre formação profissional.

Acredito, sinceramente, que o homem é devir: não fica pronto nunca.

Por isso penso que a comunicação, a educação e a formação profissional (seja cara a cara seja a distância, seja na escola seja na mídia) são elementos importantes do devir humano, mas não suficientes para deixar alguém pronto.

Quero dizer com isso que não tenho a expectativa de que ao fim deste módulo você tenha aprendido e construído os saberes nem colocado todos os problemas relativos à prática da profissão de técnico em multimeios. Aliás, penso que essa **profissionalidade** também é devir e, portanto, os saberes e competências exigidos por ela estão em constante construção e os problemas sempre se recolocarão.

Aposto na idéia de que você se torna profissional a cada dia de trabalho. A cada nova experiência. A cada momento que é solicitado a preparar e a participar de alguma atividade na escola: selecionar livros e ajudar os alunos a fazê-lo na biblioteca; pesquisar páginas na internet e ajudar professores e alunos em uma pesquisa eletrônica; instalar TV e vídeo na sala de aula ou preparar o ambiente da sala de vídeo para receber uma turma.

Note, essa solicitação a que você participe de situações pedagógicas pode ser uma solicitação casual, para dar uma força num momento específico, mas é ao mesmo tempo uma solicitação da profissão.



*Por **profissionalidade** entendo as condições (competências, habilidades, saberes, técnicas, etc) exigidas para alguém se tornar profissional.*



Músicas
Cérebro Eletrônico, de
Gilberto Gil
Esquadros, de Adriana
Calcanhoto

Há atitudes que um profissional precisa ter que não dependem de um convite nem de uma ordem, mas dependem da formação permanente e de informação e antecipação. Dependem de um planejamento.

Se todos os espaços e equipamentos escolares pelos quais você é responsável (sejam físicos ou virtuais, mecânicos ou eletrônicos) são educativos, então eles têm de estar sempre prontos para o uso na escola. E se o uso for diferente da rotina, você pode ajudar alunos e professores a preparar um ambiente diferente, planejando com eles.

Assim, penso que a profissão de técnico em multimeios didáticos não pode ser uma camisa de força que o imobilize. Ao contrário, deve ser uma camisa leve que possibilite o movimento livre para criar a profissão.

Criar a profissão não significa inventar coisas que não tenham nada a ver com o que se espera dela na escola. Significa apenas que é possível fazer mais e diferente do que se espera, desde que se esteja preparado para isso.

Estar preparado, por exemplo, para fazer com que os espaços e as mídias da escola sejam eficientes e eficazes no ensino-aprendizagem e, mais do que isso, fazer dos espaços e mídias verdadeiros lugares de interpretação e significação criativas na construção coletiva de conhecimentos e da cultura em geral. Espaços que possibilitem à comunidade escolar experimentar e sentir, além de pensar e construir os significados das informações recebidas de fora da escola bem como dos conhecimentos, valores, crenças, papéis sociais aprendidos na própria escola.

Se a escola em que trabalha não oferece muitos recursos midiáticos, criatividade para pesquisar alternativas para produzir os espaços como hipertextos, mixando linguagens que mobilizem professores e alunos para o criar e o aprender, é uma contribuição sem medida que o profissional educador pode dar à escola. Com isso, talvez, a escola possa se tornar diferente: ser mesmo um lugar de múltiplos espaços e linguagens. Um lugar de aprendizagem, criação e construção coletiva de conhecimentos e cultura, independentemente das mídias eletrônicas.

A escola poderá ser um lugar em que a sala de aula já não será mais o espaço em que professores transmitem informações e conhecimentos mortos aos alunos, mas, sim, será o lugar de encontro entre professores e alunos para apresentar, expor, escutar, pensar, sentir, trocar e aprender com as experiências de investigação realizadas em outros espaços da escola e de fora dela: bibliotecas, computadores, oficinas culturais, televisão, cinema, etc.

Por essas razões penso que o mínimo para um profissional em multimeios didáticos, que é também educador, seja saber usar, criar e dispor para uso e criação de alunos e professores os espaços, equipamentos e materiais que estão sob sua responsabilidade. Agora, se também souber o valor e o significado de cada tipo de mídia e linguagem no devir humano e souber usá-las para que os outros possam também saber sobre isso... Ah! Esse profissional será um educador a ser admirado!

Depois de tantas páginas de leitura, de informações e questões para investigar, pensar e significar, está na hora de voltar ao início do módulo, lá na introdução, e retomar a pergunta problema geral que coloquei para os estudos: “que diferença faz para a escola ter ou não ter, usar ou não usar a mídia nos processos pedagógicos?” A ela acrescento agora outras três: é possível não usar mídia na educação escolar? Como seria se dispusesse de toda a tecnologia de informação e comunicação existente? Pense longamente sobre essas perguntas. Se possível, converse com seus colegas sobre isso. Depois escreva sobre o assunto na forma que achar mais interessante: conte uma história, escreva uma carta, faça uma redação, descreva uma situação fictícia ou real, enfim, escreva de tal maneira que o ajude a entender e ao mesmo tempo possa ser comunicada. Entregue uma cópia ao tutor, guarde uma com você e, se achar interessante, ofereça uma cópia à escola, para que todos interpretem e signifiquem com você. Essa produção, não esqueça, deve fazer parte do seu memorial. Ela o apoiará, também nas atividades da Prática Profissional Supervisionada.

PRATIQUE



REFERÊNCIAS

ASSMAN, Hugo (Org.) *Redes digitais e metamorfose do aprender*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados, 2001. (Polêmicas do Nosso Tempo)

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1985. (Primeiros Passos)

BESSA, Dante Diniz. Produção de conhecimentos e de sujeitos críticos em educação: reflexões sobre a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas. In: MUNHOZ, A.; FELDENS, D.; Schuck, R. *Aproximações sobre o sujeito moderno: traçando algumas linhas...* Lajeado: Univates, 2006.

BETTEGA, Maria Helena. *Educação continuada na era digital*. São Paulo: Cortez, 2004. (Questões da nossa época)

BORDENAVE, Juan E. Diaz. *O que é comunicação*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Primeiros Passos)

_____. *Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. *Comunicação e educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker, 2001.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol. I A sociedade em Rede. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DeFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da comunicação de massa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

DELEUZE, G; GUATARRI, F. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. V. 2. São Paulo: Ed. 34, 1997.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

EPSTEIN, Isaac. *Teoria da informação*. São Paulo: Ática, 1986. (Princípios)

FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.) *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986.

GONNET, Jacques. *Educação e mídias*. São Paulo: Loyola, 2004.

GONTIJO, Silvana. *O livro de ouro da comunicação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GUARESCHI, Pedrinho A. (Coord.) *Comunicação e controle social*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C; FRANÇA, Vera Veiga. (Org.s). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEITE, Márcia; FILÉ, Valter (Org.s) *Subjetividade: tecnologias e escolas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LEITE, Sidney Ferreira. *O cinema manipula a realidade?* São Paulo: Paulus, 2003. (Questões fundamentais da comunicação)

LEVACOV, Marília et all. *Tendências na comunicação*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MARQUES, Mário Osório. *A escola no computador: linguagens rearticuladas, educação outra*. Ijuí: Unijui, 2003.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. *História das teorias da comunicação*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

SCHAUN, Ângela. *Educomunicação: reflexões e princípios*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOUZA, Jésus Barbosa. *Meios de comunicação de massa: jornal, televisão, rádio*. São Paulo: Scipione, 1996.

